Quescus



ambiente

Maio/Junho 2009 • Ano 5 • n.º35 • www.quercus.pt • Distribuição gratuita



Entrevista a Susana Fonseca Presidente da Quercus



► Página 4 e 5

Alimentação ecológica e saudável



► Página 8

Aquecimento global: diversas faces de um fenómeno



► Página 24 e 25









Edital Aviso Convocatório

Assembleia Extraordinária do Núcleo de Lisboa da Quercus

Lisboa, 4 de Julho de 2009

De acordo com os estatutos da Quercus – Associação Nacional de Conservação da Natureza, convocam-se todos os sócios constantes como inscritos na área geográfica do Núcleo de Lisboa para Assembleia extraordinária de Núcleo, a realizar na data e local abaixo indicado, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1. Apresentação e votação das contas do Núcleo referentes ao exercício de 2008
- 2. Outros assuntos

Data: 4 de Julho de 2009

Hora: 15:30 horas

Local: Sede Nacional da Quercus, Centro Associativo do Calhau, Bairro do

Calhau, Parque Florestal de Monsanto, Lisboa.

Presidirá à Mesa da Assembleia de Núcleo: Rui Campanha

De acordo com o estipulado no ponto 2 do Artigo 15º dos Estatutos, a Assembleia reunirá em primeira convocatória, se estiverem presentes mais de metade dos associados com direito a voto, e em segunda convocatória, meia hora depois, com qualquer número de associados.

Lisboa, 8 de Maio de 2009

A Presidente da Direcção Nacional

Susana Maria Duarte Fonseca

CONTRA A CONSTRUÇÃO DE UMA REFINARIA NA ESTREMADURA ESPANHOLA

Petição contra a construção de uma refinaria na Estremadura Espanhola já pode ser subscrita! A mesma pode ser lida e assinada através do seguinte endereço:

http://www.peticao.com.pt/refinaria-estremadura
Por favor divulguem por mail e coloquem nas páginas
Web.

Debate sobre Plano de Acção para o período 2009/2011

Dando cumprimento à decisão tomada na Assembleia-geral da Quercus, que teve lugar no dia 28 de Março de 2009 na sede da Quercus em Monsanto, está agendada para o **próximo dia 20 de Junho** uma sessão de debate sobre o Plano de Acção para o biénio 2009/2011.

A sessão terá início **às 13h 30m** e terá lugar na sede da Quercus em Monsanto.

Apela-se à participação de todos aqueles que queiram contribuir com sugestões. Para quem não puder estar presente existe a possibilidade de enviar as suas sugestões por correio electrónico até dia 18 de Junho para o seguinte endereço: presidentedn@quercus.pt.

Desde já agradecemos a colaboração de todos e aguardamos pela vossa participação (presencial ou electrónica).

A Direcção Nacional da Quercus – Associação Nacional de Conservação da Natureza 🖜

"Dias Verdes 2009"



Participa ou propõem uma actividade

Ainiciativa Dias Verdes visa dar a conhecer a Rede Natura 2000, desvendando, assim, os valores naturais aí existentes e os espaços protegidos que servem de refúgio à fauna e flora selvagem e à conservação de habitats.

Para o corrente ano foi eleito o tema central "30 anos da Directiva Aves". À semelhança dos anos anteriores, é proposto o envolvimento de diversos quadrantes da sociedade civil e entidades públicas, cuja participação activa é o garante do sucesso continuado do evento.

Podem ser apresentadas pequenas iniciativas que contribuam para o calendário nacional: palestras, saídas de campo para observação de aves ou anilhagem, percursos interpretativos, exposições, acções de envolvimento das escolas.

Para aqueles que desejem propor iniciativas com a organização de actividades locais, devem inscrever-se de forma individual e directa, enviando os seus registos para: http://publico.pt/diasverdes, e http://www.natura.org/greendays_registration.html







Petição em Defesa da reserva Agrícola Nacional

No âmbito da publicação do Decreto-Lei nº 73/2009, a 31 de Março, que alterou o regime da Reserva Agrícola Nacional, esta petição que se vem divulgar solicita aos deputados da Assembleia da República a introdução no referido diploma de alterações que garantam a conciliação do mesmo com os objectivos de preservação dos solos mais aptos para a actividade agrícola que nele estão identificados.

Saiba aqui mais detalhes sobre este protesto e junte a sua assinatura!

Destinatário: Assembleia da Republica

Direcção Nacional da Quercus

Petição Em Defesa da Reserva Agrícola Nacional

Foi publicado em 31 de Março o Decreto-Lei nº 73/2009, que altera o regime da Reserva Agrícola Nacional.

Estas alterações não constituem um (mais do que) necessário aperfeiçoamento do regime anterior, constituindo antes uma redefinição total do conceito de Reserva Agrícola Nacional.

As principais alterações introduzidas pelo diploma foram escamoteadas ao escrutínio público durante a preparação do diploma, como se pode verificar pelos textos dos comunicados dos Conselhos

► As numerosas utilizações de áreas da RAN para outros fins que viabiliza.

Acresce que sendo embora matéria legislativa que diz respeito à Rede Fundamental de Conservação da Natureza, nenhuma das organizações não governamentais de ambiente foi ouvida na respectiva elaboração.

Por essa razão os cidadãos abaixo identificados vêm pedir a todos os deputados que, em sede de apreciação do diploma pela Assembleia da República, nos termos da alínea c) do artigo 162º da Constituição da República Portuguesa, sejam introduzidas alterações



de Ministros de 27 de Novembro de 2008 e 29 de Janeiro de 2009.

Estes comunicados omitem quaisquer referências ao facto de o regime agora aprovado:

- ► Permitir a incondicional florestação dos solos agrícolas;
- ► Permitir excluir da RAN, áreas destinadas a habitação, actividades económicas, equipamentos e infra-estruturas, subalternizando a defesa dos poucos solos férteis do país a necessidades que podem ser colmatadas de outras formas;

que permitam garantir que o texto do diploma corresponde aos objectivos de preservação dos solos mais aptos para a actividade agrícola que nele estão identificados.

Compreende-se a necessidade de melhorar a articulação entre a florestação e a conservação dos solos agrícolas, mas a solução não pode ser a permissão de florestação, sem quaisquer condicionantes, em todos os solos agrícolas com o argumento de que não existe qualquer risco de destruição de solo agrícola seja

EDITORIAL

Um apelo à participação





Em 2010 iremos assistir ao momento marcante da Associação comemorar um quarto de século. Embora seja uma data ainda a alguma distância, é aqui invocada como um ponto de partida para a reflexão que urge fazer sobre como potenciar a Associação, reforçando a sua capacidade de intervenção para que o próximo quarto de século possa conhecer uma Quercus mais forte. Esta reflexão é ainda mais relevante quando se inicia um novo ciclo na Quercus, em resultado das eleições de novos órgãos dirigentes no passado dia 28 de Março.

Desde a sua fundação em Outubro de 1985 até hoje a Quercus conheceu amplas transformações internas e na sua capacidade de intervenção. De uma Associação centrada nas questões da conservação da natureza (fazendo jus ao seu nome) foi alargando a novas áreas de intervenção, dando espaço a áreas temáticas como os resíduos, os recursos hídricos, a energia e alterações climáticas, entre outras.

Com o alargamento das áreas temáticas em que intervém, com o reforço de algumas das suas estruturas locais, com o aumento do número de grupos de trabalho e dos recursos humanos e financeiros disponíveis, a Quercus ganhou progressivamente uma maior capacidade de intervenção social e, consequentemente, um significativo reconhecimento público.

Para que seja possível promover uma melhoria contínua da Associação as propostas para os próximos dois anos passam pelo reforço da coesão interna, promovendo uma melhor comunicação entre os dirigentes e fomentando a sua participação mais alargada, mas também pelo estreitar da relação com os sócios, que representam, para além da base de legitimidade social da Associação, uma potencial fonte de novos dirigentes e colaboradores.

Apostar na formação de grupos de trabalho em áreas fundamentais, mas até agora mais fragilizadas em termos de recursos humanos e financeiros, é outro dos pontos fortes para o próximo biénio. Os recursos hídricos, o ordenamento do território e a agricultura sustentável são as áreas identificadas como prioritárias em termos do reforço dos recursos internos da associação.

Esta estratégia liga-se de forma clara àquela que tem sido uma das características fundamentais do progressivo crescimento e reconhecimento público da Quercus: a sua capacidade de intervir em áreas muito diferentes e cobrir a larga maioria das temáticas ambientais.

Pretende-se que o processo de reflexão e reforço da capacidade de actuação da Quercus seja amplamente debatido de forma inclusiva. Será solicitada a participação de todos aqueles que acreditam na missão desta Associação, independentemente de assumirem ou não um cargo ou qualquer posição dentro da Quercus. Nos próximos dois anos serão vários os momentos de estímulo à participação de todos os sócios, sendo de sublinhar, desde já, o que irá ocorrer no próximo dia 20 de Junho. Este dia está reservado para debater o plano de acção proposto pela actual direcção, procurando reforçá-lo. Desde já aqui fica o apelo à participação de todos.

qual for o tipo de florestação.

A opção do diploma, que consiste em considerar que a actividade florestal está incluída nas actividades agrícolas, tem ainda vários efeitos perversos na qualidade do diploma ao tornar incompreensíveis quer as normas técnicas de classificação de terras, quer várias disposições que foram claramente pensadas para as actividades agrícolas no sentido clássico e que perdem sentido ao incluir a florestação nas actividades agrícolas.

Compreende-se a necessidade de aperfeiçoar os mecanismos de ponderação de interesses quando exista conflito na prossecução de diferentes interesses públicos.

Mas não pode aceitar-se o princípio de que é na delimitação técnica do que é a Reserva Agrícola que devem ser tidos em atenção outros usos do território, com muito mais plasticidade de localização.

Pelo contrário, é a materialização no território do interesse público ligado à resolução das carências de habitação, infra-estruturas, equipamentos e activida-

des económicas que deve ter em atenção não só a importância da conservação do solo agrícola como o facto da sua localização ser única, cada vez mais rara no contexto nacional, e insubstituível.

Nessas circunstâncias, somente a total ausência de alternativas de localização e a relevância do interesse público associadas projectos específicos que visem resolver carências de habitação, infra-estruturas, equipamentos e actividades económicas, devidamente manifestadas em processos públicos, participados e transparentes, deveriam permitir derrogar o princípio da conservação dos solos agrícolas.

Assim sendo, os cidadãos abaixo identificados reiteram a necessidade de alargar o debate sobre a matéria, por forma a encontrar melhores soluções legislativas para a compatibilização dos diferentes interesses públicos afectados por esta revisão legal, a cuja imediata alteração apelam.

Subscrever a Petição:

http://www.peticao.com.pt/reservaagricola-nacional

a Susana Fonseca

presidente da Quercus

Fazermos melhor e colaborarmos neste todo

"

Susana Fonseca é a primeira mulher na presidência da Quercus. Tem licenciatura e mestrado em sociologia e já vários anos de actividade na associação. Ao Quercus Ambiente falou dos problemas ambientais que se destacam a nível nacional e global e da actividade e dos desafios que se colocam à Quercus, na véspera do ano em que a associação comemora um quarto de século.



Sofia Vilarigues

á novas apostas para a Quercus, novas áreas a serem reforçadas? Na equipa que foi eleita fizemos um levantamento em que nos apercebemos que há desafios internos e externos.

A nível interno, a Quercus cresceu bastante, nos últimos anos, diversificou a sua actuação. Tem hoje um conjunto de projectos e de grupos de trabalho, a intervenção de alguns núcleos foi muito reforçada. Há, portanto, uma ampla actividade e nem sempre é fácil comunicar internamente. Essa é uma área que queremos melhorar. Queremos, com a colaboração de todos, com a direcção nacional, os núcleos, os grupos de trabalho, conseguir formas de comunicar melhor, de ter estratégias bem definidas para cada área de trabalho, até para que possamos aproveitar as sinergias. Queremos tentar estimular uma maior troca de informação, para as pessoas saberem o que cada um está a fazer, para depois também podermos aproveitar melhor o que cada um tem feito e o que pode potenciar o trabalho de outros. Internamente há esse aspecto que temos de melhorar de comunicação e troca de informação.

Depois, há áreas de trabalho que para nós são fundamentais e em que não temos conseguido nos últimos tempos ter grupos de trabalho que sigam os temas da forma, por exemplo, como são seguidos na área dos resíduos ou na área da energia actualmente.

É o caso da água. A água é uma área em que se tem conseguido acompanhar alguns temas, há comunicados, há intervenções regulares todos os anos no âmbito das praias, da água para consumo, de marcar os dias mundiais. Mas, não há um trabalho continuado de intervenção como há noutras áreas. A água é dos grandes desafios para qualquer país, e para o nosso também, se tivermos em consideração os próprios cenários previstos das alterações climáticas.

Queremos, portanto, reforçar a componente da água.

É também o caso da agricultura sustentável, em que nós não temos trabalhado muito. Mas, estamos a ter cada vez mais pessoas, internamente, com interesse nessa área. Portanto eventualmente será também um grupo a estimular.

Depois, há uma outra área que temos

tem havido bastantes reviravoltas. Mesmo da parte do Governo há uma perspectiva que nos parece errada, de criar excepções e flexibilizar a legislação existente.

Poderia referir alguns casos?

Por exemplo os da Reserva Ecológica Nacional (REN) ou da Reserva Agrícola Nacional (RAN), do novo regime. Estes são



acompanhado de forma desigual, embora com o trabalho de duas ou três pessoas muito válido, que é a do ordenamento do território. Nós temos conseguido alguma intervenção, mas mais virada para a preservação do montado. Normalmente, até são dessa área que saem grande parte dos processos que temos em tribunal. Mas, muitas vezes falta o acompanhamento dos próprios documentos de ordenamento, uma intervenção de maior denúncia sobre os atentados que se vão cometendo, quer ao nível do Governo, com a legislação que vai saindo, quer a nível local. Aí, convém reforçarmos, porque é uma área onde consideramos que nos últimos tempos

instrumentos que para nós têm sido fundamentais para preservar determinadas áreas. E, no caso da REN nem sequer estamos a falar de áreas ambientais, no sentido mais estrito, estamos a falar, muitas vezes, de preservação de áreas que têm a ver com a própria segurança das populações, com áreas de cheia, áreas de declive, áreas de reabastecimento de aquíferos, que são fundamentais. Essa comunicação da importância da REN nunca se conseguiu fazer. A nível governamental não nos parece que haja o interesse, neste momento, de reforçar a mensagem da REN, bem pelo contrário, o sistema que está criado parece-nos ser

um sistema para facilitar a desafectação da REN e a intervenção a nível local em termos de construção. Concordamos que em determinadas áreas era importante trabalharmos os usos compatíveis com a REN e com a RAN mas, aquilo que foi feito não vai no bom sentido. O acompanhamento das consequências desta legislação é um trabalho que tem de ser feito e nós não temos ainda um grupo estruturado com capacidade para o fazer.

Ao nível dos sócios e da sua participação, que medidas e orientações concretas estão em perspectiva?

Os sócios, ao fim ao cabo, são o nosso suporte em termos de legitimidade social, de intervenção social. Quando fazemos uma intervenção, estamos a representar um conjunto de cidadãos. Portanto, é importante esta componente de tentar fidelizar os sócios. Nós até temos bastantes sócios, o problema é que não podemos contar com esse número como sócios activos. É por isso importante agilizar processos como o pagamento de quotas, perceber o que os sócios precisam, o que gostariam de ter de resposta da Quercus e fomentar a participação. Queremos também melhorar os estatutos e o regulamento interno, avançar para um regulamento eleitoral que permita uma maior participação dos sócios e começar a realizar congressos, anuais ou bianuais. Criar, assim, espaços de maior convívio e troca de impressões.

A Quercus é chamada a participar em alguns processos de elaboração de legislação, de planos e de projectos, no âmbito da consulta pública. Como tem corrido esta dinâmica?

A Quercus, neste momento, tem alguma facilidade em conseguir marcar reuniões com entidades públicas. Agora, aquilo que nós sentimos é que não obstante o cuidado, nosso e de outras Organizações Não Governamentais (ONG's), de apresentar pareceres fundamentados, pormenorizados, na esmagadora maioria das vezes aquilo que nós apontamos como soluções ou áreas a ser alteradas, raramente são consideradas. Nós temos assistido nos últimos anos, cada vez mais, a situações de consulta pública, em que as coisas já estão todas decididas. Portanto, não é um verdadeiro processo de consulta pública, em que há abertura de alterar orientações. Podem mudar alguns pormenores aqui e ali mas, em termos gerais, quando estamos a falar de projectos ou de planos, não sentimos que haja esse feedback do outro lado. Ao nível da legislação, dependendo das áreas e também de quem está do outro lado e da fase em que é feita a consulta, por vezes há chamadas de atenção que são integradas. Em termos globais não tem havido uma melhoria na integração das nossas perspectivas. Nós temos é, felizmente, alguma capacidade de tornar públicas as nossas posições e por aí fazer também alguma pressão para que sejam concretizadas algumas alterações. Há ainda muito trabalho a fazer. Da nossa parte poderemos fazer pareceres ainda melhores. Do lado das entidades públicas, no sentido de, de facto, ouvir a sociedade civil e depois procurar que no final os projectos, os planos, as legislações sejam mais consentâneas com o que é defendido nesses processos de consulta pública.

Que aspectos gostaria de focar da Quercus enquanto organização?

Acho que há dois aspectos muito marcantes na Quercus. Um deles é o dos



núcleos. Nós temos uma capacidade de intervenção muito maior porque temos os núcleos regionais. E, aí, também vamos trabalhar internamente para tentar perceber o que podemos fazer para melhorar essa capacidade de intervenção dos núcleos, em termos de necessidades de equipamentos, etc. Outro aspecto que gosto de sublinhar é que a Quercus se tornou numa associação que trabalha praticamente em todas as áreas. Não é uma associação especializada como existem algumas em Portugal e que fazem um excelente trabalho, está antes muito marcada com essa capacidade alargada de intervenção. Esse é um aspecto que seria interessante manter.

O que gostaria de destacar ao nível dessas áreas de trabalho, nomeadamente

animais selvagens. Na área da energia, temos o projecto EcoCasa e EcoBrigadas, que levam a mensagem da eficiência energética a muitas casas e a muitas pessoas. Temos ainda rubricas como o Minuto Verde e Um Minuto pela Terra, que têm sido formas de divulgação, numa intervenção construtiva. E mais há...

Quais considera serem alguns dos principais problemas ambientais com que nos deparamos?

Uma das minhas grandes preocupações tem a ver com a questão do consumo e da pegada ecológica. Com o impacte que estamos a ter em termos ambientais e a forma como recorrentemente mantemos este sistema vigente. Grande parte dos problemas território é um dos nossos grandes problemas. O ordenamento do território entendido como a forma como olhamos para o território e percebemos ou não que há áreas que devem ser mantidas de forma estratégica. Aí, parece-me que Portugal não está a ir no bom caminho e não está a aproveitar da melhor maneira aquilo que tem em termos de recursos.

Uma outra área, em que diria que há sinais muito contrários, é a área da energia. Sinais contrários por uma razão muito simples. Em termos de apostas em energias renováveis acho que Portugal está no bom caminho mas temos, ao mesmo tempo, um conjunto de medidas que vão sendo implementadas e que vão exactamente no sentido contrário. Cada vez, por exemplo, queremos fazer mais auto-estradas. Ao fim ao cabo temos medidas que se anulam. Talvez até mais do que falar de energia ou transportes, eu diria que um dos graves problemas que Portugal tem é a incoerência de políticas públicas.

Gostaria de dizer algo para concluir?

Nós vamos comemorar em 2010 os nossos 25 anos. É uma data marcante, um quarto de século. Espero que possamos ter por essa altura a nossa sede, que é um projecto interessante em termos demonstrativos ao nível da construção sustentável. Para além disso, espero que consigamos reforçar a capacidade da Quercus de intervir e congregar os esforços dos que querem colaborar, para que a Quercus fique mais forte. Às vezes o que acontece, quando as associações começam a ficar muito grandes, é que se torna cada vez mais difícil conseguir-se a coesão interna. Temos de reforçar a nossa capacidade de trabalho! Espero que daqui a dois anos possamos falar de uma Quercus ainda mais forte e com maior capacidade de intervenção, em mais áreas e de forma mais coerente. Espero que consigamos encontrar força interna para trabalharmos todos em conjunto, todos os que queiram colaborar, e evitar possíveis fracturas internas ou divisões. No fundo, todos estamos aqui com o mesmo objectivo. Podemos todos olhar para a associação e para aquilo que está a ser feito, como um incentivo para nós fazermos melhor e colaborarmos neste todo.



no âmbito de projectos?

Eu diria que a Quercus tem sempre procurado na sua intervenção ter abordagens diferentes. Nós temos uma abordagem de denúncia mas também temos muito trabalho de base, quer para preparar essas denúncias, nomeadamente com propostas alternativas, quer nos projectos no terreno. Por exemplo, projectos como o que está a desenvolver agora o CIR – Centro de Informação de Resíduos, de promoção da vermicompostagem. Na área da biodiversidade, como o projecto criar bosques, o trabalho com microreservas, os centros de recuperação de ambientais que nós temos decorrem desta nossa perspectiva de querermos sempre mais, de querermos consumir mais, ter mais recursos à nossa disposição. E, tudo isso está dentro de uma lógica que não se coaduna com os limites do planeta. Penso que este é o maior problema ambiental que nós temos.

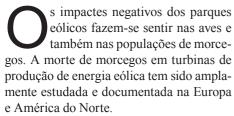
Depois, há também as alterações climáticas. Que, no fundo, são um reflexo disto, de um excesso de consumo de combustíveis, etc.

Em termos nacionais, parece-me que o que se passa ao nível do ordenamento do

Morcegos e Eólicas

A energia eólica está a transformar a paisagem rural, com os aerogeradores a baterem todos os recordes de produção eólica, investigações demonstram que estes equipamentos têm igualmente causado a morte de uma grande quantidade de morcegos, espécie protegida por lei.

QΑ



Segundo um estudo de Erin Baerwald, da Universidade do Calgary (Canadá), os morcegos têm motivos para temer as turbinas eólicas, já que o movimento das pás causa uma diminuição da pressão atmosférica, fazendo rebentar os vasos sanguíneos dos pulmões destes mamíferos.

Este estudo publicado no periódico Current Biology demonstra que a causa de morte da maioria dos morcegos vitimados por turbinas eólicas devesse a hemorragia interna. No decorrer do estudo os cientistas analisaram os corpos de 75 morcegos encontrados mortos numa área de postes para a produção de energia eólica, e concluíram que a maioria deles (69) tinha ferimentos internos, apresentavam hemorragias internas. O problema é causado por uma diferença de pressão atmosférica existente próximo das lâminas, matando os animais mesmo que eles não venham a chocar com as mesmas. A rotação das turbinas causa uma queda da pressão atmosférica na região próxima a extremidade das lâminas. Quando um morcego passa por essa zona de baixa pressão os pulmões sofrem uma expansão repentina, o que resulta no rompimento dos vasos capilares do órgão causando hemorragia interna, algo similar ao que acontece com mergulhadores que experimentam mudanças repentinas de pressão.

Embora as aves também sejam vítimas frequentes das turbinas eólicas, os impactos



Pipistrellus maderensis

são menores do que nos morcegos, pois, graças ao seu sistema respiratório mais robusto, não sofrem com o problema de despressurização. As aves têm pulmões mais rígidos ração de energia eólica perto de Bideford foi rejeitado por causa do potencial impacto sobre estes mamíferos.

Alguns grupos de pesquisa estão a es-



e robustos, evitando assim que passem pelo mesmo trauma em caso de uma queda repentina de pressão.

As Nações da União Europeia concordaram formalmente em sensibilizar e responsabilizar os responsáveis, pela implantação destes aerogeradores, sobre os riscos que estes têm para com os morcegos, e encontrar formas de monitorizar as rotas de migração

Na Grã-Bretanha, um projecto para a implementação de turbinas eólicas de getudar formas de manter os morcegos longe das turbinas de geração de energia eólica, e um grupo da Universidade de Aberdeen, na Escócia, sugeriu que se usasse emissões de radares para servir de "espantalhos" para estes mamíferos.

Muito ainda falta estudar e revelar sobre os morcegos, em particular sobre as causas de morte junto aos parques eólicos, no entanto, é necessário que todos tenham a consciência dos danos que são causados pelo Homem na vida destes pequenos seres vivos.



Plecotus austriacus

Segundo um estudo de Erin Baerwald, da Universidade do Calgary (Canadá), os morcegos têm motivos para temer as turbinas eólicas, já que o movimento das pás causa uma diminuição da pressão atmosférica, fazendo rebentar os vasos sanguíneos dos pulmões destes mamíferos.

Efeitos dos pesticidas

Os pesticidas são substâncias com capacidade para matar organismos, supostamente indesejáveis. Contudo, a sua natureza implica que os seus efeitos possam não se restringir às espécies indesejáveis.

Susana Fonseca

s pesticidas são substâncias activas e produtos que têm a capacidade inerente de matar ou controlar organismos prejudiciais ou indesejados. Podem ser usados na agricultura, em zonas urbanas e por razões de saúde pública.

Contudo, devido às suas propriedades intrínsecas, os pesticidas podem ser prejudiciais para muitos outros organismos, para além daqueles que pretendem controlar, resultando em efeitos adversos para a saúde humana e o ambiente.

Estes efeitos podem resultar da exposição directa ao pesticida (pode ocorrer com os trabalhadores envolvidos na sua produção ou aplicação no terreno), mas também podem resultar de uma exposição indirecta enquanto consumidores, residentes ou espectadores.

De acordo com um inquérito realizado pela Federação Europeia de Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas, os efeitos mais comuns nos trabalhadores expostos incluem: dores de cabeça/enxaquecas; vómitos; dores de estômago e diarreia. Uma exposição constante a níveis mais reduzidos poderá ter consequências a longo prazo, entre elas: cancro, problemas reprodutivos; ou sensibilização.

De uma forma geral podemos identificar, enquanto principais problemas resultantes da aplicação generalizada de pesticidas:

- ► O envenenamento humano e os riscos para a saúde;
- ► A perda da biodiversidade com a morte e desaparecimento de espécies selvagens;
- ► A perda de animais domésticos ou
- ► A interferência com o controlo natural
- ▶ O aparecimento de espécies indesejáveis resistentes;
- ► A existência de resíduos nos ali-
- ► A contaminação da água e dos solos;
 - O Aumento dos custos de produção;
 - ► A contribuição para a existência de



produtos obsoletos e não utilizáveis, de muito dificil tratamento ou eliminação.

A União Europeia regulamentou a área dos pesticidas há décadas, contudo, o consumo destes produtos e a sua presença no ambiente não diminuíram. As políticas e legislação europeias sobre pesticidas foram introduzidas pela primeira vez em 1979 e desde então têm conhecido uma evolução significativa.

Independentemente de todas as alterações introduzidas, não apenas ao nível da legislação sobre pesticidas, mas também ao nível das técnicas de produção e da aplicação das medidas agro-ambientais, o consumo deste tipo de produtos não conheceu qualquer diminuição no mercado europeu na última década. Da mesma forma, também não se verificou qualquer redução no número de amostras que detectaram resíduos de pesticidas em alimentos, acima dos valores permitidos por lei (mantém-se à volta dos 5%). O ambiente aquático também é um bom exemplo das consequências perversas da utilização destes produtos. Actualmente registam-se, com frequência, concentrações acima do valor limite, sem que se observe qualquer tendência de diminuição (não obstante a exigente legislação europeia que incide sobre o recurso água). 34

Mata dos Medos

Criança e Natureza

maior parte das pessoas que moram na zona da Aroeira, Fonte da Telha, no concelho de Almada não fazem ideia da riqueza que existe à porta da sua casa: a Reserva Botânica da Mata Nacional dos Medos.

O Parque de Merendas é talvez o sítio



que melhor nos indica onde estamos, graças ao placard do Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade. Porém, para descobrirmos o Centro de Interpretação, que dá apoio à Mata Nacional dos Medos (dunas formadas pelo vento, nas vizinhanças do mar), é preciso estar mais atento ao mapa.

Mas o esforço vale a pena. A simpatia dos funcionários da ICNB, que se desdobram para nos responder a todas as nossas questões, é mais que muita e motiva-nos sempre a voltar. Um bom exemplo é a possibilidade de empréstimo, em troca de um depósito monetário, de um guia de visita que as famílias podem pedir para desfrutar aquele espaço durante o fim-

A receber cada visitante estão duas espécies botânicas que tornaram aquele espaço Reserva Botânica: o povoamento centenário de pinheiros mansos (espécie que, segundo alguns, foi mandada plantar pelo rei D. João V) e o porte invulgar da sabina da praia, ou zimbro-das-areias (completamente arbóreo, algo pouco natural em arbustos).

Porém o que nos fascina mais é a aroeira e a sua folha dividida, típica das plantas do período Jurássico. Uma planta fascinante que nos leva a pensar que é bem provável que tenham na sua memória genética os dinossauros que se



Sabina da praia ou zimbro-das-areias

alimentavam dela.

Outro pormenor que torna este lugar especial e uma verdadeira fonte de silêncio é o marulhar constante, que nos leva a chegar às franjas da Arriba Fóssil e observar a costa desde o Cabo Espichel até à Costa da Caparica e, mais além, a Serra de Sintra e a mancha urbana de Lisboa, Cascais e Estoril.

Só aí nos apercebemos do quanto a civilização nos parece longe... Sem dúvida a Mata dos Medos, não nos assusta, pelo contrário fascina-nos e transporta-nos para uma Natureza distinta e, no entanto, tão perto da cidade.

Alimentação ecológica e saudável

(Parte II)

Alexandra Azevedo



al como referi na primeira parte deste artigo publicado na edição anterior, irei agora apresentar sugestões para uma alimentação mais ecológica e, simultaneamente, mais saudável, aprofundando um pouco a reflexão sobre algumas delas.

Podemos resumir as sugestões nos seguintes pontos:

- 1- Rejeitar os alimentos transgéni-
- 2- Respeitar a Roda dos Alimentos, ou seja, comer muito menos carne e peixe e preferir vegetais (cereais, frutos e legumes) adoptando a Dieta Mediterrânica ou um regime alimentar vegetariano.
- 3- Se se consumir peixe, moderar o consumo de peixes com maior teor de gordura, evitar os peixes incluídos na lista vermelha da Greenpeace e do SOS Oceano, e exigir informação sobre o método de pesca.
- 4- Consumir, de preferência, e sempre que possível, alimentos biológicos, tradicionais, produzidos localmente (ou o mais próximo possível), da época, avulso ou com embalagens directamente recicláveis (vidro ou plástico simples) ou compostáveis (papel simples).
 - 5- Adquirir os alimentos, de preferên-



cia, directamente do produtor através de mercados locais, comércio tradicional ou na própria exploração.

Dietas tradicionais

A espécie humana é das espécies animais com maior adaptação a diferentes alimentos e regimes alimentares, resultado de uma adaptação ao meio. Apesar disto, os dados recentes revelam que a dieta ocidental não é nenhuma delas!

A tradição não serve de argumento em muitas coisas, mas a nossa tradição alimentar ou a nossa cultura gastronómica é fundamental para nos guiarmos e assim, escapar à dieta ocidental. Comer é tanto



um acto de cultura como de biologia.

É pois necessário recuperar o tipo de alimentação típica da nossa região, ou seja a Dieta Mediterrânica.

Optando por um regime vegetariano

A Dieta Mediterrânica

- ▶ Diariamente: grande quantidade de cereais, vegetais e frutos. Queijo e iogurtes em quantidades moderadas.
- ► Semanalmente: quantidades baixas a moderadas de peixe e carne de aves.
- ► Máximo de 4 ovos.
- ▶ De vez em quando: carne vermelha.

devemos igualmente guiarmo-nos pela cultura gastronómica abdicando simplesmente do ingrediente carne ou peixe.

Por outro lado, é preciso ter atenção á qualidade dos ingredientes que compõe o nosso regime alimentar, por mais equilibrado que nos possa parecer.

Assim, devemos preferir os cereais

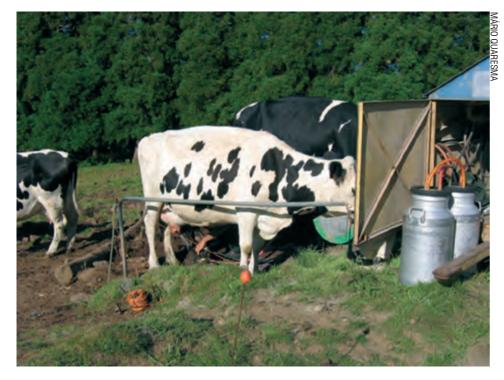
de Fast Food!, mas cujo valor nutricional é muito inferior ao dos cereais integrais, e não consegue ser compensado de forma adequada mesmo com suplementações subsequentes.

Não devemos esquecer os alimentos silvestres no nosso cardápio, como as urtigas, as beldroegas ou as amoras, para além de serem locais e de só se encontrarem na sua época são mais ricas em antioxidantes do que as plantas agrícolas, pois não sofreram um processo de domesticação e não contam com a ajuda do Homem para sobreviver, contando unicamente com as suas próprias defesas.

Outro critério importante é o modo de produção dos alimentos, que deverá ser, sempre que possível, biológico.

Alimentos biológicos

As vantagens dos alimentos biológicos são inúmeras. São mais seguros (- pesticidas, - nitratos, - OGM, - antibióticos, - aditivos), têm mais qualidade (+ matéria seca (isto é, menos água), + minerais, +



integrais, contrariando na medida do possível uma "conquista" da Revolução Industrial e da crescente urbanização das populações, que foi o consumo de cereais refinados, devido à necessidade de facilitar a conservação para suportar o transporte de distâncias cada vez maiores e o armazenamento, o primeiro alimento

vitaminas, + ómega 3, + anti-oxidantes) e como tal são melhores para o ambiente e para a nossa saúde e a dos animais.

Contudo, convém alertar para algumas questões. A agricultura biológica certificada enfrenta vários constrangimentos, desde logo a certificação apenas se refere estritamente às práticas agrícolas

e modo de produção não contemplando o respeito por critérios sociais, por outro lado a aprovação do novo regulamento em 2007 relativo à produção biológica e

de quem produz os alimentos de que ninguém pode prescindir.

Existem já alguns exemplos de mercados de produtores em especial para

Outras sugestões:

- ▶ Produzir alguma coisa do que se come, nem que seja um vaso com salsa que se tem à janela ou na varanda
- ► Evitar aditivos artificiais
- ► Fugir (como o diabo da cruz) das gorduras hidrogenadas. Matam gente, mesmo. Se quer comer manteiga, coma manteiga (biológica), não coma margarina, por muito que a indústria lhe diga o oposto. Em alternativa há as manteigas de amêndoa, sésamo e avelã, que são óptimas.
- ► Esqueça as cadeias de fast food. Não é comida!
- ► Evitar tudo quanto seja mais refinado, branqueado, processado, extrudido, açucarado, pois menos se parece com comida, e com o que o nosso organismo precisa!

à rotulagem dos produtos biológicos (Regulamento (CE) Nº 834/2007) passou a tolerar a contaminação por transgénicos até 0,9% tal como na agricultura convencional.

A agricultura biológica devia ainda contribuir para a preservação da agrobiodiversidade, em especial das variedades tradicionais, mas o domínio das corporações no mercado das sementes biológicas produtos biológicos, mas muito há por fazer. O conceito dos mercados municipais deveria ser redesenhado de modo a apoiar os produtos e os produtores locais de forma visível aos consumidores.

É necessária uma maior consciencialização dos consumidores para tentarem conhecer os fornecedores, onde produzem, como, e o que cultivam. Os próprios consumidores devem mesmo sugerir o cul-



certificadas faz-se sentir, com a agravante de ainda ser mais limitado que o já restritivo mercado de sementes para agricultura convencional, tendo havido já um caso em Portugal de um agricultor biológico que perdeu a certificação pelo facto de utilizar sementes não homologadas, sementes que colheu na região e reproduziu para si próprio. A semente, com todas as suas espécies e variedades tem de se manter nos nossos campos, útil e viva!

É preciso ainda não esquecer que a certificação é um substituto imperfeito, para a responsabilidade e confiança que se estabelece no mercado em que os produtores de alimentos olham nos olhos dos consumidores e vice-versa.

Mercado de produtores

Ao comprar em mercados locais ou nas próprias quintas, iremos encontrar produtos da época que estão no pico da qualidade nutricional e é possível estabelecer relações de confiança entre produtores e consumidores, que prescinde de regulação na rotulagem e certificação, para além de permitir/facilitar um sistema de comércio justo valorizando o trabalho

tivo de variedades suas conhecidas ou de outras menos conhecidas agora, mas de há muito cultivadas, podendo inclusive fornecer sementes destas variedades para estimular o seu uso. O lavrador tem necessidade de conhecer os gostos das pessoas para quem produz, e juntos podem ser bons aliados na continuidade do nosso património agrícola.

"Comer é um acto de agricultura" – Wendell Berry, isto é, nós não somos apenas consumidores passivos, mas cocriadores dos sistemas que nos alimentam. O tipo de alimentos e a forma como foram produzidos dependem da forma como gastamos o nosso dinheiro. Comprar é uma forma de votar em sentido lato, e na comida não é de todo onde se deve economizar!

Bibliografia (Para além da publicada no artigo anterior):

O Gorgulho – Boletim Informativo sobre Biodiversidade Agrícola, n.º 10, Colher para Semear – Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais, Verão 2008

Nova micro-reserva em S. Vicente

Conservação de Aves Estepárias no Alto Alentejo

A Quercus e o FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens - estão a desenvolver um projecto de recuperação de uma colónia de Francelho (*Falco naumanni*) na Zona de Protecção Especial de São Vicente, concelho de Elvas. A primeira fase das obras de intervenção ficou concluída a 15 de Fevereiro, aguardandose agora a chegada da época de migração da espécie (final do Verão) para se dar início à segunda fase da mesma.

Francelho (Falco naumanni) é uma pequena ave de presa, com 29-32 cm de comprimento e 58-72 cm de envergadura, migradora, cuja área de distribuição estival se estende desde a Península Ibérica até à Mongólia e ao Nordeste da China. A maior parte da população inverna a sul do Sahara e na Africa do Sul. Foi em tempos considerada uma das aves de rapina mais comuns na Europa, mas sofreu nos últimos 30 anos uma regressão drástica em toda a sua área de distribuição e chegou inclusivamente a extinguir-se em vários países (Austria, Hungria, Chipre, Polónia). É considerada nos dias de hoje uma espécie globalmente ameaçada, estando a população europeia estimada em 10.000 a 17.000 casais.

Em Portugal, a tendência é também de decréscimo da sua população, tendo-se registado nos últimos sessenta anos o desaparecimento de inúmeros núcleos reprodutores. Em finais da década de quarenta existiriam no país mais de 700 casais, mas actualmente a população nacional está estimada em apenas cerca de 250 casais. As principais e talvez únicas colónias do país restringem-se hoje ao sul do país.

Estatuto de conservação da espécie e factores de ameaça

No nosso país, o Francelho tem estatuto de "Vulnerável", estando ainda incluído nos anexos das Convenções de CITES, Berna, Bona e Directiva Aves. É considerada ainda uma espécie ameaçada a nível global que necessita de acções de protecção, incluída na categoria SPEC 1 (Species of European Conservation Concern).

Actualmente, a maior ameaça nas áreas de reprodução parece ser o decréscimo da disponibilidade de alimento, consequência da intensificação da agricultura, do abandono das práticas tradicionais e da urbanização, as quais têm conduzido a uma perda progressiva dos habitats preferenciais de caça desta espécie, e também o uso de pesticidas na agricultura, apontado como responsável pela redução do sucesso reprodutor da espécie. A perda de locais de reprodução, devida à destruição e reconstrução de edifícios, a perseguição e perturbação humana são igualmente considerados factores de ameaça para as populações de Francelho.





Área de intervenção do projecto em S. Vicente

O projecto desenvolve-se numa propriedade de cerca de 147 hectares que se encontra dentro do perímetro definido para a Zona de Protecção Especial (ZPE) de S. Vicente. Esta área, integrada na Rede Natura 2000, é de elevada relevância para a preservação de algumas espécies de aves estepárias, suportando populações significativas de Sisão, Alcaravão, Abetarda, Calhandra e Tartaranhão-caçador.

O que se pretende fazer

Ao longo de quatro anos, pretende-se levar a cabo uma série de medidas de conservação que levem a um aumento do número de indivíduos de Francelho na colónia existente, assim como a um igual aumento do número de indivíduos das outras espécies de aves estepárias na ZPE.

Entre outros parâmetros, pretende-se conseguir uma melhoria das condições de nidificação da espécie, incrementando as taxas de sucesso reprodutor, uma redução da mortalidade entre crias devido a predação e uma redução da mortalidade entre crias e indivíduos adultos devido a acidente/doença. As intervenções a realizar passam por obras de recuperação nas zonas de nidificação, por diminuir a perturbação humana nos locais de nidificação, no melhoramento das áreas de alimentação da espécie, adequando as práticas agrícolas à sua conservação, e na sensibilização dos agricultores para as temáticas ambientais.

Nesse sentido, foram já realizadas durante os meses de Janeiro e Fevereiro algumas intervenções nos locais de nidificação que passaram pela abertura de cavidades para nidificação nos edifícios, colocação de caixas-ninho, estabilização da estrutura de um dos edifícios (paredes e parte dos telhados), encerramento de algumas das entradas de acesso aos edifícios com a colocação de portas, criação de aberturas no telhado e alteração do caminho que dá acesso ao Monte em ruínas.

Durante a época de nidificação das aves que agora se iniciou, o trabalho incidirá na monitorização da colónia através de visitas regulares ao local e na eventual recolha de crias que tombem dos ninhos por acidente, com posterior encaminhamento para os Centros de Recuperação, sempre que necessário. Em termos futuros pretende-se dar seguimento a este trabalho, alargando o âmbito das intervenções a outras propriedades da zona, de forma a conseguir uma maior e melhor protecção desta e de outras aves estepárias.

Contrato de Custódia da Natureza

Como forma de manter um compromisso que defina o trabalho comum a desenvolver entre a Quercus, o Fapas e os proprietários da Herdade, foi assinado um contrato de Custódia da Natureza, com o intuito de compatibilizar a exploração económica da propriedade, no caso agricultura e criação de gado, com a manutenção de espécies e habitats em estado favorável de conservação.

Colaboração e apoios

Para além do apoio dos proprietários da Herdade, este projecto conta também com a colaboração do ICNB - Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade, LPN - Liga para a Protecção da Natureza e tem apoio financeiro da REFER - Rede Ferroviária Nacional.





REDE DE RESERVAS

Micro-reserva do Monte do Outeiro

Foi instalado o portão e efectuada alguma gestão da vegetação espontânea em torno dos freixos que vão entretanto crescendo no leito de cheia da linha de água que limita este espaço. O ano meteorológico não foi favorável à germinação de *Linaria ricardoi* havendo esta época poucos exemplares nas zonas de ensaio.

Micro-reserva dos Colmeiais

Também aqui já foi colocado o portão e terminaram os trabalhos de poda e limpeza de rama do olival aí existente. Prossegue a monitorização da flora com confirmação de existência de pelo menos 10 exemplares de *Cynara tournefortii*, bem como de pequenas manchas de *Linaria ricardoi*. Apesar da época relativamente seca, são muitas as espécies em floração neste momento, incluindo algumas das 11 espécies de orquídeas aqui existentes.

Micro-reserva de Casais Novos

Nesta micro-reserva destinada à preservação dum importante abrigo de morcegos, foi agora finalizada a instalação da vedação na área envolvente à entrada, permitindo a gestão do acesso apenas para trabalhos de manutenção e monitorização científica. Foram também realizados trabalhos de gestão florestal da área para melhorar os habitats naturais e prevenir fogos. Foram assim dados passos fundamentais para o cumprimento dos objectivos de gestão desta micro-reserva.





Notícias

Micro-reserva da Peninha

Foram realizados com recurso a contratualização alguns trabalhos mais pesados de desmatação com corte de acácias e háquias, espécies exóticas que ameaçam a flora endémica aqui existente.

Micro-reserva da Barranca da Loba

Aproveitando a realização de mais um Encontro da Primavera, iniciativa da Herdade do Freixo do Meio, onde se situa aquele bosque, tiveram lugar diversas visitas guiadas, as quais contaram com a participação de cerca de 40 pessoas.

Reserva Biológica do Monte Barata

Os trabalhos de instalação de novas oliveiras foram concluídos bem como as plantações florestais previstas para esta época de Outono/Inverno. Está agora em curso o trabalho de protecção de pequenas árvores utilizando protecções individuais de alguma envergadura de forma a que possam resistir aos javalis e aos veados.

CONSERVAÇÃO DE ORGANISMOS FLUVIAIS

Os primeiros exemplares de duas espécies de peixes que são alvo de intervenção deste projecto já chegaram às instalações da Estação Aquícola de Campelo, as quais têm recebido obras de remodelação e adequação a esta nova função. No passado fim-de-semana de 25 e 26 de Abril decorreram duas jornadas de trabalho voluntário com os participantes a poderem dar uma ajuda em trabalhos diversos de acabamento das estruturas deste local.





No âmbito de uma campanha de promoção do uso de detergentes concentrados, a Unilever efectuou um donativo que irá ser utilizado no apoio à gestão desta rede de micro-reservas.







Pontal de faro

Ou – O quanto séria é realmente a protecção do meio ambiente em Portugal

Dr. Helmut Kerndorff

ão há muito tempo atrás eu soube que Portugal está entre as primeiras nações da comunidade Europeia no que concerne à protecção do meio ambiente. Para mim, há 20 anos fã de Portugal, foi uma boa notícia. Eu reconheço já algumas actividades positivas ao longo dos anos como a protecção da maravilhosa Costa Vicentina e os esforços para proteger a Ria Formosa do aumento de visitantes durante os meses de verão. Na minha opinião, estes são bons exemplos para a protecção do meio ambiente no sul do país.

Infelizmente há algumas outras actividades que não se enquadram nesta realidade, nomeadamente a destruição gradual de um dos últimos oásis de pinhal da costa Algarvia, não muito longe do aeroporto de Faro – o Pontal. Eu conheço esta área há muito tempo devido à sua riqueza em raridades botânicas e carácter autôctone. A maioria destes pinhas Algarvios foram destruídos no passado devido ao aumento de turistas que querem jogar golf. Para alguns, esta "transformação" resulta em um ambiente ainda melhor do que o "inútil e não rentável mato" debaixo dos Pinheiros. Apesar disto, há plantas



Fig. 1 - Pontal com sub vegetação destruida, todos os Thymus lotocephalus foram arrancados (March 2009)



Fig. 2 - Pontal com Thymus lotocephalus (com flores vermelhas) em April 2008

no Pontal que são únicas neste Planeta!!! Como o tomilho cabeçudo (*Thymus lotocephalus*). Esta espécie e seu habitat estão protegidos de acordo com a lei Europeia (a planta está classificada

como de interesse comunitário, listada na directiva habitat 92/49 EEC sob o Anexo II como espécie prioritária e sob o Anexo IV (Fonte de terminologia: http://biodiversity.eionet.europa.eu).

Informações adicionais sobre a planta:

Thymus lotocephalus (G. López & R. Morales)

Erva-ursa, tomilho-cabeçudo Taxon: Thymus lotocephalus G. López & R. Morales

Sinonímia: Thymus cephalotos sensu auct. lusit., non L.

Família: Lamiaceae (Labiatae) Nome(s) vulgar(es): Erva-ursa, tomilho-cabeçudo

Protecção legal

Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril – Anexos B-II, b) e B-IV, b) - espécie prioritária.

Decreto-Lei nº 316/89, de 22 de Setembro – Anexo I.

Directiva 92/43/CEE – Anexos II, b) e IV, b) - espécie prioritária.

Convenção de Berna (Convenção Relativa à Conservação da Vida Selvagem e do Meio Natural da

Europa, 1979) - Anexo I

Estado de conservação: Vulnerável

Tudo isto parece ser desconhecido dos que têm responsabilidades nesta área, de outra forma o Pontal já deveria estar sob protecção há muito tempo! O avanço da destruição pode ser visto por comparação nas fotos que eu fiz no fim de Março de 2009. A vegetação "limpa" (brutalmente arrancada) era formada por tapetes de Thymus lotocephalus. Será muito sensato para Portugal e em particular para a região do Algarve, parar imediatamente com esta destruição massiva do meio ambiente e pôr o resto do Pontal sob a protecção da lei Europeia como requerido e devido se isto não for feito eu tenho dúvidas que a protecção do meio ambiente em Portugal seja realmente séria. Além disso esta rude violação das leis Europeias é certamente um caso para o Tribunal Europeu. 🧆

Uma odisseia pela sustentabilidade

700Marine

á "quase" muito, muito tempo...
Ainda há vários nomes estão na
calha... "Pela Sustentabilidade" é
um deles. "Pelo Ambiente" também é. O "4
Mãos, 4 Rodas" é outro. E da lista também
fazem parte "A Caminho das Olimpíadas... a
15 km/h!", "Cinco dias de Estrada", "Olimpíadas em Pé" e "625 Sustentáveis"...

No entanto, à hora da escrita deste texto, e a cerca de uma semana de se começar a "odisseia" (odisseia para uns – porque, para outros, é "deliciosa loucura"), o nome que mais adeptos parece ganhar é "A 15 km/h a Caminho das Olimpíadas do Ambiente".

cação Ambiental, através da realização de um concurso escolar, de âmbito nacional, dividido em três etapas que, compreensivelmente, são uma sólida oportunidade para motivar a efectiva integração dos conceitos e práticas, junto dos jovens nas escolas portuguesas.

As OA tentam garantir aos alunos, do 3º ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, um acesso equilibrado, do ponto de vista geográfico (com critérios de selecção que garantem a representatividade regional), temático (ambiente e natureza são abordados 'sensu latu') e físico (alunos com características diferentes são



E porquê e para quê um nome? Bem, isso é porque precisamos de baptizar a acção que se prevê ter lugar nos 4 a 5 dias que antecedem a abertura da Final Nacional das XIV Olimpíadas do Ambiente (XIV OA)...

Quem aqui nos lê já saberá, naturalmente, que as OA são uma das maiores e mais abrangentes iniciativas de Educação Ambiental em Portugal - envolvendo quase todas as escolas de Portugal (incluindo, naturalmente, as ilhas), com a participação de cerca 35 mil alunos em cada ano lectivo. As OA são coordenadas por uma equipa multidisciplinar composta por elementos da Universidade Católica (Instituto IntervirMais), do ZooMarine e, claro, da Quercus, a entidade que lançou a iniciativa, já lá vão quase 15 anos.

As OA têm como principal objectivo sensibilizar e desenvolver atitudes de Edu-

acompanhados). Os professores também passaram a poder concorrer, através da modalidade "Ambiente e Cidadania".

Desde há 3 anos, as OA têm merecido a honra de poder contar com o Alto Patrocínio de Sua Ex.ª, o Senhor Presidente da República.

Put your money where your mouth is...

A Final Nacional da XIVª edição decorrerá no Porto e na Maia e envolverá cerca de 90 alunos finalistas, com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos de idade. De registar que, este ano, associado à temática "Ambiente Urbano", está o conceito de sustentabilidade, mobilidade e transportes, áreas verdes, arquitectura bioclimática, eficiência no uso da água e eficiência energética.

Para alertar para estes desígnios, surgiu uma original aventura: a de utilizar



um dos veículos eléctricos, que desde logo se destacou, o Segway, para percorrer do Algarve ao Norte do país, em prol dos objectivos das OA.

Comvistaavalorizaro(re)conhecimento das OA por parte dos cidadãos, o Zoomarine decidiu (para poder destacar, mediática e socialmente, as OA) encetar um desafio singular e inovador, a nível europeu. Assim, dois elementos do Zoomarine (o director de Educação e Ciência e o chefe do Dept. Educacional) irão viajar do Zoomarine a 15 km/h e durante 40 horas, até ao Museu Carro Eléctrico, no Porto, local onde se iniciará a Final Nacional (1, 2 e 3 de Maio) ... de pé, em cima de um Segway!

O objectivo entre outros, é o de incentivar os órgãos de comunicação social a destacar as OA, ajudando a reforçar a mensagem de participação dos jovens estudantes nesta iniciativa anual e também as questões relacionados com a sustentabilidade do planeta em que vivemos, envolvendo assim, um cada vez maior número de apoiantes e mecenas.

O trajecto, com aproximadamente 610 km, contará com 4 pontos de paragem/pernoita, no âmbito das 5 etapas: Zoomarine a Grândola (151 km de viagem), Grândola a Almeirim (137 km de viagem), Almeirim a Coimbra (134 km de viagem), Coimbra a Oliveira de Azeméis (90 km de viagem) e Oliveira de Azeméis ao Palácio de Cristal, no Porto (os últimos 44 km).

Esta iniciativa seria impossível de concretizar, sem a cooperação directa e entusiástica de várias entidades, entre as quais se destacam, naturalmente, a Segway e as Câmaras Municipais de Grândola, Almeirim, Coimbra, Oliveira de Azeméis e Porto. È de destacar também o apoio dos Órgãos de Comunicação Social, SIC e a RDP, e ainda da Empresa de Urgência Médica UniRescue, que assegurará a protecção médica.

Outras entidades poderão ainda, até ao "dia D", vir a associar-se a esta iniciativa

A viagem vai ser longa – mas será muito divertida. Portanto, se é aluno, se é professor, se quiser ser voluntário, se puder ser Parceiro, ser aceitar ser patrocinador e/ou se conseguir ser Mecenas, venha daí! Será muito bem-vindo e estará a participar num projecto único, deliciosamente educativo, divertido e, claro, com imenso potencial para melhorar um pouco de todos nós e do nosso planeta! Porque, nem que seja a 15 km/hora, todos podemos contribuir...!



"

A cerca de uma semana de se começar a "odisseia" (odisseia para uns – porque, para outros, é "deliciosa loucura"), o nome que mais adeptos parece ganhar é "A 15 km/h a Caminho das Olimpíadas do Ambiente"

Programa Água Quente Solar

O começo atribulado de uma medida promissora

Sara Campos

esde o dia 2 de Março que existe uma nova medida incentivo às energias renováveis. O Governo anunciou que pagará metade do valor da aquisição dos colectores solares, acrescendo ainda 30% em benefícios fiscais relativos à parte restante. A Quercus aplaude a iniciativa, que, contudo, revela falhas graves na aplicação prática.

Apesar da meta inicial de um milhão de m² de colectores solares térmicos até 2010 prevista pelo Programa Nacional para as Alterações Climáticas (PNAC 2006), esta já foi no entanto revista para metade. Um prejuízo para o ambiente de 140 mil toneladas anuais de CO², que vem somar-se às várias questões por esclarecer, às quais, a três dias do lançamento do Programa, o Gabinete do Ministro da Economia e Inovação, Manuel Pinho, não sabia responder.

No dia inaugural, a Quercus marcou presença pela manhã em algumas agências bancárias de modo a averiguar se um comum cidadão tinha ou não resposta às seguintes questões: "É obrigatório pedir um empréstimo bancário para beneficiar deste incentivo e pode ser pedido em qualquer banco?"; "Este incentivo abrange apenas algumas marcas de colectores solares?"; "Se sim, qual o critério de selecção? E em relação aos instaladores?"; "A medida vai parar nas 65 mil habitações?".

Várias dúvidas que, como se poderá ler mais à frente, a Quercus fez questão de esclarecer junto do actual executivo. Mas



voltemos um pouco atrás.

Uma boa medida

A medida PNAC – Programa Água Quente Solar para Portugal previa a instalação de 13 mil m²/ano de colectores solares térmicos em 2006 e 2007 e 100 mil m²/ano entre 2007 e 2020), já a contar com a entrada em vigor da nova legislação sobre edifícios que obriga à instalação de raiz de colectores solares em novas construções.

Em 2007, foram instalados cerca de 47 mil m^2 de colectores solares e, em 2008, 77 mil m^2 . No total, previa-se cerca de 380 mil m^2 instalados em Portugal no final de 2008.

Esta nova medida poderia significar um incentivo à instalação de mais 260 mil m² (considerando 4m² por fogo).

Em termos de poupança anual por famí-

lia, o recurso à água quente solar pode significar menos 1000 kWh/ano, representando em média cerca de 20% do consumo total da família em electricidade e gás. Multiplicado por cerca de 3,6 milhões das famílias existentes no país, estaríamos a falar de 3600 GWh/ano.

Um mau começo

Apesar de ser uma medida de eficiência energética com potencial para poupar muito aos cofres do Governo a médio prazo e ajudar no cumprimento do Protocolo de Quioto, nem tudo são boas notícias.

Nos dias seguintes ao Governo ter anunciado este investimento de 225 milhões de euros para apoiar a instalação de colectores em 65 mil habitações, a Quercus recebeu centenas de pedidos de informação sobre

como recorrer ao incentivo.

As primeiras tentativas de obter informações junto do gabinete de Manuel Pinho não foram bem sucedidas. No entanto, a Quercus averiguou que apesar da compra ter de ser realizada através de instituições bancárias, os interessados não precisam de recorrer ao crédito bancário. Apurou-se também que o apoio máximo do Governo a cada habitação é cerca de 1.640 euros.

A Quercus não compreende ainda a limitação deste programa a empresas com capacidade de instalação superior a 50 mil m²/ano, que entretanto está a ser negociada entre o Ministério da Economia e a APISO-LAR (Associação Portuguesa da Indústria Solar). Tendo em conta que este valor corresponde à quase totalidade de colectores solares instalados em 2008 no país, estamos perante uma situação de favorecimento do Estado a determinadas empresas, numa lógica de quase monopólio. Num país com 2.200 a 3.000 horas por anos, este é um negócio fundamental que precisa de estar aberto às pequenas e médias empresas, de modo a estimular a criação de emprego na área das energias renováveis.

À data de fecho desta edição, a Quercus tinha ainda por esclarecer se o preço de venda é de facto o final, independentemente de se aplicar a uma moradia e ou um apartamento.

A par desta medida, a Quercus gostaria que houvesse uma política consertada de incentivo à utilização de energia solar para aquecimento de águas sanitárias, e não apenas medidas isoladas da administração central, local e de particulares.

Futura sede nacional da Quercus

Edifício Verde - um projecto auto-suficiente e sustentável

á esteve mais longe a mudança da sede nacional da Quercus - Associação Nacional de Conservação da Natureza de Monsanto para Sacavém, local onde está prevista a concretização do Edifício Verde, cujo ante-projecto foi apresentado publicamente no dia 2 de Março, pelas 10 horas no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

Tal como o nome deixa antever, este empreendimento pretende ser um exemplo de construção sustentável através da reabilitação de um conjunto de três edifícios da estação de comboios de Sacavém, cedido pela REFER para albergar a futura sede nacional da Associação.

A cargo da ARX Portugal Arquitectos, o ante-projecto do Edifício Verde conta agora com novas parcerias essenciais à sua concretização, celebradas entre a Quercus e a RAR Imobiliária, a SGS Portugal e o Grémio das Empresas de Conservação e Restauro do Património Arquitectónico (GECoRPA), que foram formalizadas na sessão de apresentação. Estas parcerias vêm assim juntar-se às já estabelecidas com a REFER e o Montepio, para além de outras participações como a da LightPlane da Arquitecta paisagística Susana Antunes Fonseca.



Fazendo jus ao que tem sido a acção e preocupações da Quercus nos últimos anos, esta futura sede nacional pretende ser exemplo e prova de como é possível conciliar as necessidades do homem com o mínimo impacto ambiental. A concepção

do Edifício Verde assenta assim nas seguintes premissas:

- ► Auto-suficiência do ponto de vista energético, apostando na eficiência e no aproveitamento de energias renováveis;
- ► Emissão neutra de gases de efeito de estufa;
- ► Auto-suficiência em recursos hídricos para utilizações não potáveis, através da utilização eficiente, do aproveitamento de escorrências pluviais e da reciclagem de águas residuais;
- ► Reciclagem de 95% dos resíduos produzidos durante a reabilitação e funcionamento:
- ► Preservação da qualidade do ar no interior do edifício;
 - ► Bom desempenho acústico;
- ► Excelente enquadramento em termos de mobilidade.

A falta de um parceiro na vertente da construção deixa em aberto previsões quanto à data de avanço para o terreno, sendo que a Quercus dará prioridade a empresas e entidades públicas que integrem preocupações ambientais na sua actividade. SARA CAMPOS

Projecto EcoFamílias - Água no Algarve

Redução nos consumos de 20% marca balanço positivo

ez famílias, onze meses e uma redução média de 20% do consumo diário de água. São estes os principais números que marcam o Programa Ecofamílias-Água, desenvolvido pela Quercus em parceria com a empresa Águas do Algarve, SA entre Janeiro e Novembro de 2008, na região do Algarve.

Após acompanhar os hábitos de consumo das dez famílias participantes, os técnicos do projecto traçaram planos personalizados para o uso eficiente da água de modo a cumprir o objectivo que motivou esta iniciativa – a alteração de comportamentos no consumo de água e consequente redução das quantidades desperdiçadas.

Numa primeira análise, o diagnóstico feito aos consumos médios diários das famílias em análise demonstrou que as habitações da amostra apresentavam consumos inferiores (265 litros/dia) à média nacional (310 litros/dia, de acordo com dados do Programa Nacional para o Uso Eficiente da Água).

Já com seis meses de projecto decorrido, procedeu-se à instalação de redutores de caudal nos chuveiros e torneiras das casas de banho e cozinhas com o objectivo de avaliar até que ponto a introdução deste equipamento poderia contribuir para reduzir o consumo de água.

Volvidos os restantes meses, foi possível constatar uma diminuição no consumo médio diário das famílias de cerca de 20%. Entre os dispositivos alvo de intervenção,



a maior redução registou-se nos duches (60%). Na lavagem de mãos, o consumo diminuiu cerca de 50% e quer na lavagem manual de loiça, quer na lavagem de dentes atingiu reduções próximas dos 40%.

Outros cálculos permitiram ainda aferir algumas estatísticas interessantes. Durante o período em questão, concluiu-se que as famílias aumentavam o seu consumo médio diário de água em cerca de 7% aos fins-desemana. Por outro lado, nos meses de Inver-

no esse consumo diminuía 15% face à época de Verão (comparação entre os períodos de Julho/Agosto e Outubro/Novembro).

Este projecto destaca-se também pela grande vertente interactiva, já que, a par das visitas às habitações, cada família participante pode acompanhar diariamente os seus consumos através da Internet, numa página criada para o efeito. Desta forma, a Quercus acredita que passou a haver uma maior consciência de cada família relativamente

Este projecto destaca-se também pela grande vertente interactiva, já que, a par das visitas às habitações, cada família participante pode acompanhar diariamente os seus consumos através da Internet.

aos seus padrões de utilização de água nas várias actividades domésticas.

Os resultados do programa EcoFamílias-Água no Algarve, primeira iniciativa no âmbito do projecto EcoCasa-Água, foram apresentados no dia 19 de Fevereiro, às 18 horas, na sede da empresa Águas do Algarve, em Faro, contando com a presença de vários orgãos de comunicação social locais e nacionais

Após esta experiência piloto no sul do país, o projecto Ecofamílias-Água já avançou em mais dois pontos – em Mafra e na Região do Oeste, estando neste momento em fase de planeamento o arranque em Coimbra. SARA CAMPOS

Balanço - Projecto Ecobrigadas

Em 2 meses, foram visitadas 5 escolas e dezenas de famílias

Projecto Ecobrigadas da Quercus iniciou-se no terreno no dia 4 de Março de 2009, com a realização de uma sessão informativa inaugural sobre Eficiência Energética para professores no Agrupamento de Escolas de Soure, distrito de Coimbra. Na Escola Secundária de Soure-sede deste Agrupamento—procedeu-se ainda a um levantamento energético do edifício.

A par desta primeira intervenção, a equipa das Ecobrigadas deslocou-se a mais quatro Agrupamentos de Escolas Básicas, em cada um dos seguintes distritos: Lisboa, Aveiro, Viana do Castelo e Braga.

Desde então o projecto já realizou sessões de informação ao público em quatro localidades (Pinhal Novo, Odivelas, Ponte de Lima e Fafe) e dezenas de visitas a casa de famílias residentes nos respectivos distritos (Setúbal, Lisboa, Viana do Castelo e Braga), que voluntariamente se inscreveram nesta iniciativa.

De norte a sul, o projecto tem ainda vários distritos por percorrer em Portugal Continental, os quais receberão igualmente sessões informativas para o público em geral, para professores em específico e visitas às residências das famílias que solicitem uma avaliação energética de sua casa. Para saber em que períodos a equipa das Ecobrigadas estará em



cada um deles, pode ser consultada a página oficial do projecto na Internet através do link http://www.ecocasa.pt/ecobrigadas/.

Para os distritos ainda não visitados, as inscrições continuam abertas a todos os interessados em participar nas várias actividades que integram o projecto. Basta enviar um e-mail para ecobrigadas@quer cusancn.pt, ou telefonar para os números 932036959/213462219, indicando o nome do(s) interessado(s). No caso de se pretender também uma avaliação energética da respectiva residência, este facto deve ser também referido, bem como respectiva morada, contacto móvel e disponibilidade. A todos os participantes nas sessões informativas será oferecida uma tomada com corte de corrente.

Este é projecto é financiado pela Islândia, Liechtenstein e Noruega através do Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (EEA Grants) e apoiado pela Agência Portuguesa do Ambiente e pelas empresas SAPA e SENSO. Já foram dados mais de 790 conselhos ambientais

Minuto Verde iniciou em Março o quarto ano de emissão na RTP

omeçou, no passado mês de Março, o quarto ano de emissão do Minuto Verde, rubrica produzida pela Quercus e emitida diariamente no programa Bom Dia Portugal da RTP1. Para celebrar a data, o programa do dia 9 de Março foi emitido em directo a partir do Parque Natural da Arrábida, com intervenções dos três apresentadores e em vários ambientes. Em jeito de balanço, falou-se do que já se fez mas também de perspectivas futuras, com uma provável aposta em programas no Arquipélago dos Açores e também em bons exemplos ambientais além-fronteiras.

Com quase 800 programas emitidos até à data, o Minuto Verde já é hoje reconhecido pelos espectadores portugueses como uma forma simples e apelativa de aprender como contribuir no quotidiano para um ambiente melhor. Um pouco antes das 8, 9 e 10 horas da manhã, a Quercus continuará assim todos os dias a presentear os portugueses com conselhos ambientais práticos de aplicação imediata no dia-a-dia.

Mantendo a aposta em áreas diversas como a energia, a água, o ar, os resíduos, o ruído ou a conservação da natureza,

O Minuto Verde adoptou em 2009 uma imagem renovada, mais moderna e dinâmica. O programa passou também a contar com



Minuto Verde, rubrica produzida pela Quercus e emitida diariamente no programa Bom Dia Portugal da RTP1

mais um elemento na equipa. São agora três os pivots que, alternando ao longo da semana, oferecem dicas ambientais pela manhã em apenas um minuto: Francisco Ferreira, Susana Fonseca e Sara Campos.

Os inúmeros contactos recebidos pela Quercus com sugestões para novos programas têm comprovado a utilidade desta rubrica enquanto forma de sensibilização dos cidadãos em geral e ferramenta de ensino nas escolas. SARA CAMPOS

Invasoras de elevado impacto nas

Após a colonização das ilhas Açorianas pelo Homem, acerca de 550 anos atrás, deu-se início a um processo gradual de ocupação do território que teve como consequência uma alteração substancial da cobertura original, então dominada por florestas variadas e por zonas húmidas diversas. Assim, a área actual de ecossistemas nativos inalterados pelo homem nos Açores corresponde a uma fracção reduzida da área de cada ilha estando mesmo quase ausente na Graciosa e Corvo e muito fragmentados em várias outras das ilhas Açorianas.

Cândida Mendes* & Eduardo Dias



Figura 1. Serra de Sta Bárbara, montanha com 1021 m, o ponto mais alto da ilha Terceira e um dos maciços mais ricos em biodiversidade dos Açores e da Europa.

companhando a destruição do coberto original decorreu a introdução de uma grande quantidade de espécies com fins variados, desde culturas para a agricultura (as mais diversas hortícolas, frutícolas, forrageiras e mesmo sebes), para jardins e para fins comerciais diversos, madeiras, tinturaria etc. Algumas destas espécies introduzidas, após terem escapado dos locais onde foram introduzidas, tornaram-se pelo menos sub espontâneas (fixam-se naturalmente para além do seu local de introdução inicial formando populações que se mantêm a si próprias, sem a intervenção do Homem), em habitats naturais ou semi-naturais. Muitas delas propagaram-se de tal modo, em número e em área de extensão, que passaram a dominar algumas comunidades vegetais naturais, tornando-se uma ameaça, ou seja assumiram o carácter invasor substituindo, pelo menos parcialmente, as formações nativas.

Ainda assim, é possível encontrar nas ilhas áreas relativamente extensas, dessas comunidades naturais únicas, relíquias daquelas que desde há muito desapareceram dos continentes de onde provieram, mas que nestas ilhas foram poupadas às glaciações. Razões biológicas, genéticas, éticas, estéticas e culturais cuja importância ultrapassa as fronteiras regionais, têm justificado a tomada de medidas diversas para o reconhecimento da sua importância e conservação, levantando a questão da necessidade de controlar a introdução de novas espécies e conter o avanço das já presentes.

A flora vascular da Terceira inclui, de acordo com Hansen & Sunding (1993), 1016 espécies. Embora uma parte considerável destas sejam exóticas, esta ilha apresenta ainda importantes áreas naturais onde as introduzidas praticamente não se fizeram sentir, como é o caso do interior da Serra de Santa Bárbara (Fig. 1). A

expansão das espécies exóticas avassalando e destruindo a flora nativa é sem dúvida um dos grandes problemas ambientais da actualidade mundial. No entanto, e embora seja uma linha de estudo explorada na região (lista de referência da flora Açoriana de Dias et al. 2006 pode ser consultada em http://www.angra.uac.pt/GEVA/WEBGEVA/Scheklistacores/Schek listAcoresstart.htm) existem para inúmeras espécies muitas dúvidas acerca da sua naturalidade. Ainda assim e independentemente



-igura 2. Fioresta de media altitude dominada por ima espécie invasora, o Incenso.

das incertezas, é de consenso geral que de facto existem no Arquipélago áreas extensas completamente descaracterizadas por espécies introduzidas (Fig. 2).

Assumindo assimincertezas mas assumindo também as inúmeras espécies reconhecidamente invasoras, segue-se uma breve descrição de algumas das mais problemáticas e causadoras de uma intensa descaracterização nas formações naturais desta ilha. Assinala-se que algumas destas invasoras são comuns a várias ilhas, eventualmente mais agressivas numa determinada ilha que noutra. Existem espécies que sendo extremamente graves estão confinadas a uma só ilha, como por exemplo a Clethra arborea que existe apenas na ilha de S. Miguel.

Pittosporum undulatum

Origem: costa oriental da Austrália. Nome comum: incenso ou faia-do-norte. Introdução: Séc. XIX como ornamental (folhas lustrosas e perenes atribuem uma particular



Figura 3. Flores de uma planta de incenso.

beleza, a que se associa a flor de um odor agradável e perceptível a longa distância) e para sebes para as quintas de laranjeira.

Utilização actual: é ainda utilizado como sebes, suportando bem as podas e com elevada taxa de crescimento. Utilizado frequentemente na alimentação de gado (principalmente bovino). No Departamento de Ciências Agrárias

formações naturais da Ilha Terceira (Açores)

tem vindo a ser efectuados estudos (Baptista 2001) sobre as potencialidades desta espécie como substrato de culturas, nomeadamente cogumelos, com a obtenção de boas produtividades.



igura 4. Ramo de incenso

Características: árvore que cresce até aos 15 m de altura, com folhas alongadas e onduladas nas margens (daí o epíteto específico *undulatum*). É de crescimento extremamente rápido, colonizando rapidamente áreas desflorestadas, transformando-se numa séria praga em várias regiões onde foi introduzida, como as Caraíbas, o Hawaii, os Açores e o sul do Brasil. Mesmo na região de Sydney, área onde a planta é nativa, o P. undulatum expandiu-se para solos e formações vegetais que anteriormente não ocupava, eliminando por competição muitas das espécies que naturalmente ocorriam nesses habitats.

Factores que lhe conferiram carácter invasor: comportamento ecológico oportunista, aproveitando as alterações ambientais resultantes da actividade humana, como a fragmentação dos habitats. Apresenta elevado grau de fitotoxicidade para com outras plantas, não permitindo que na sua proximidade se desenvolvam outras espécies. Planta muito eficaz em termos reprodutivos, em que cada planta pode produzir 37500 sementes (Marchante et al. 2005).

Impacto actual: pela elevada regeneração, por semente que desenvolveu nos Açores, tem vindo a ocupar todos os espaços disponíveis, desde formações arbóreas naturais, até a áreas agrícolas abandonadas ou terrenos sujeitos a distúrbios. A sua área de distribuição está a aumentar desde o início do século e tem vindo a conquistar todos os ecossistemas naturais florestais de baixa e média altitude. As suas áreas são muito grandes e preocupantes. Exemplos disto são as florestas de média e baixa altitude da ilha Terceira e outros locais como as grandes encostas das fajãs das ilhas de São Jorge e das Flores, e toda a superfície florestal das encostas norte da ilha do Pico. Apenas os ecossistemas de montanha e encharcados parecem estar menos pressionados por esta espécie. Deve ser considerada a pior invasora dos Açores e a que causa maiores perdas de património natural.

Hedychium gardenarium

Origem: Himalaias.

Nome comum: conteira e roca de velha. Introdução: introduzida no Séc. XIX como

Utilização actual: ainda é usada na alimentação do gado bovino, e suas folhas utilizadas como base para por a farinha do pão antes de ir

ao forno. As folhas destas plantas são utilizadas ainda como base para os tão famosos queijos frescos desta ilha.

Antigamente, nos anos em que os temporais destruíamas colheitas e acabados os mantimentos de reserva, a população (referente à ilha de S. Jorge) socorria-se dos rizomas desta planta secando-os e transformando-os em farinha com que se fazia uns bolos para matar a fome (Bráulio 2003).

Características: espécie perene rizomatosa com caules até 2 m de altura, folhas oblongas até 30 cm e muitas flores laranja-amareladas dispostas em espigos de 20 a 30 cm de comprimento. A sua maior área de distribuição ocorre em locais onde a floresta natural foi cortada, seguida de uma invasão por esta espécie (Sjögren 2001). No entanto salienta-se a sua existência dentro de vegetação natural onde aparentemente mão se deu qualquer intervenção. Além da ilha Terceira, esta espécie representa um problema grave noutras ilhas, como por exemplo as Flores.



Figura 5. Escape floral de uma conteira.

Factores que lhe conferiram carácter invasor: planta cujas flores são extremamente coloridas e aromáticas, atraentes para insectos e aves que contribuem para a sua polinização e disseminação. Além disso esta planta tem uma imensa capacidade de reprodução vegetativa através da propagação dos seus abundantes rizomas

Impacto actual: a conteira ou roca-de-velha constitui neste momento uma das ameaças mais sérias para a biodiversidade terrestre dos Açores. Tem uma vantagem em relação ao incenso, que se prende ao facto de se desenvolver nos ecossistemas naturais em altitude. Há que investir a todo o custo na sua erradicação em zonas em que está gradualmente a penetrar na floresta nativa e em que ainda é possível o seu controle.

Arundo donax

Origem: parte Oriental da Europa, Ásia temperada e tropical.

Nome comum: cana.

Introdução: provavelmente pelo seu interesse nomeadamente na agricultura (estacas). Em Portugal continental é referida (Marchante et al. 2005) a sua utilização como sebes, facto que não parece ter ocorrido nos Açores.

Utilização actual: nos Açores em agricultura para estacaria. Todavia trata-se de uma planta com um enorme historial relacionado com o homem sendo usada em sectores tão distintos como a manufacturação de telhados, palheta

para instrumentos de sopro, canas de pesca, papel e antigos egípcios envolviam seus mortos com as folhas dessa planta.



Figura 6. Cana.

Características: trata-se de uma erva vivaz com caules cilíndricos e ocos. Colmo (caule) com cerca de 2 m podendo atingir 6 m de altura e um diâmetro de 3,5 cm. Folhas com 1 a 8 cm de largura, lanceoladas a lineares de ponta fina.

Factores que lhe conferiram carácter invasor: reproduz-se vegetativamente apresentando taxas de crescimento elevado (Marchante et al. 2005). Fragmentos dos rizomas facilmente transportados por água ou vento dando origem a outras populações.

Impacto actual: espécie muito comum em formações costeiras, especialmente em solos arenosos decinzas vulcânicas. Populações uma vez estabelecidas podem rapidamente ocupar extensas áreas.

Solanum mauritanum

Origem: América Central.

Nome comum: fona de porca, tabaqueira. Introdução: como ornamental (introdução que segundo Sjögren, 2001 terá cerca de 100 anos).

Utilização actual: desconhecida.

Características: arbusto ou árvore até 4 m de altura. Flores violetas e bagas amarelas.

Factores que lhe conferiram carácter invasor: produção de grande número de sementes. Planta muito odorífera, podendo atrair grande quantidade de polinizadores.

Impacto actual: encontra-se geralmente dentro de áreas ocupadas pelo homem, sejam estas agrícolas ou florestadas em redor da ilha

(Sjögren 2001). Aparece sob a forma de indivíduos dispersos acima dos 400 m de altitude. Embora sendo uma espécie muito frequente, não assume o mesmo carácter invasor descaracterizante como o provocado pelo incenso, pois ao contrário desta, a fona de porca parece estar dependente da entrada de luz, daí ocorrer tendencialmente em zonas marginais.

Existem na ilha Terceira, diversas outras espécies invasoras problemáticas (ou em processo de expansão), para além das descritas que devem ser encaradas com a preocupação que este fenómeno exige, e de preferência alvo de estudos e medidas de mitigação.



Figura 7. Flor da fona de porca.

O primeiro passo é reconhecer que não é fácil abordar este problema e muito menos encontrar uma solução, no entanto uma certeza persiste: contra a ameaça das exóticas invasoras, a melhor solução é prevenir a sua entrada e em seguida, a sua fixação e expansão. Consideramos que também é nossa missão, com este pequeno trabalho, alertar para este problema que é urgente inverter. Pois, certamente, ninguém quer ver cada habitat único dos Açores ser substituído por outro igual a tantos no mundo.

Departamento de Ciências Agrárias da Universidade dos Açores. GEVA

Terra Chã - 9700 Angra do Heroísmo

*Email: cmendes@uac.pt

Web page GEVA: www.angra.uac.pt/geva

Referências:

▶ Batista, J. G. F. (2001). Cultura de Cogumelos.

Consultado on-line em 5 de Março de 2009 http://www.angra.uac.pt/PESSOAIS/DOCENTES/jbatista/cogumelos/Pleurotus.pdf

▶ Bráulio, F. G. (2003). Roca de Velha (Hedychium gardenerarum). Consultado on-line em 5 de Março de 2009 http://web.galaia.pt/SJorge/geografia/flora/roca_de_velha.php ▶ Eduardo Dias; Maria José; Paulo Barcelos; Fernando Pereira; Cândida Mendes & Luís

Lista de Referência da Flora dos Açores. Editor: Herbário da Universidade dos Açores (AZU). Departamento de Ciências Agrárias. Universidade dos Açores. ISBN 972-99474-

- ► Hansen, A. & P. Sunding (1993). Flora of Macaronesia.
- Checklist of vascular plants. Sommerfeltia 17: 1-297.
- ▶ Marchante, H.; E. Marchante & H. Freitas (2005). Plantas Invasoras em Portugal. Fichas de Identificação e Controle. Eds dos autores. Coimbra.
- ► Sjögren, Erik (2001). Plants and Flowers of the Azores. Graphic Design & Theonical Editor.

Foram eleitos os novos órgãos sociais da Quercus para o biénio 2009/2011

Direcção Nacional da Quercus

Quercus – Associação Nacional de Conservação da Natureza realizou no passado mês de Março, dia 28 de Março, em Monsanto (Lisboa), uma Assembleia-geral onde foram eleitos os membros dos novos orgãos associativos nacionais (Direcção Nacional, Mesa da Assembleia Geral, Conselho Fiscal e Comissão Arbitral), para um mandato de dois anos.

Apresentaram-se duas listas candidatas, tendo a lista B que propunha como Presidente da Direcção Nacional, Susana Fonseca (Vice-Presidente da Direcção Nacional cessante), obtido a vitória com cerca de 70 % dos votos, e a lista A, que propunha João Branco (Presidente do Núcleo Regional da Quercus de Vila Real), obtido cerca de 29% votos.

Susana Fonseca sucede assim a Helder Spínola como Presidente da Direcção Nacional da Quercus que esteve no cargo durante seis anos.

Órgãos sociais da Quercus eleitos para o biénio 2009/2011

Mesa da Assembleia-geral da QUERCUS **Presidente:** Maria de Lurdes Cravo Anjo – Associada n.º 2238

Primeiro Secretário: Joaquim Moreira Peixoto – Associado n.º 1195 **Segundo Secretário:** Abel da Conceição dos Santos Pinto – Associado n.º 8728

Conselho Fiscal da QUERCUS

Presidente: Dário Arsénio Brito Cardador – Associado n.º 10402

Vogal: Carlos Manuel Varanda de Vilhena – Associado nº 673

Vogal: Carla Maria Simões Nunes Marques – Associada n.º 10894

Direcção Nacional da QUERCUS

Presidente: Susana Maria Duarte Fonseca – Associada n.º 11742

Vice-Presidente: Francisco Manuel Freire Cardoso Ferreira – Associado n.º 598

Vice-Presidente: Nuno Miguel Oliveira Pegado de Matos Sequeira – Associado n.º 13398

Tesoureira: Maria Helena dos Santos Couto Pinto Amendoeira – Associado n.º 14297

Secretária: Ana Sofia Albuquerque da Silva Barata — Associado n.º 10639

Vogal: Ana Cristina Gomes Figueiredo – Associada nº4312

Vogal: Hélder Spínola de Freitas – Associado n.º 8605

Vogal: José Paulo Gonçalves Martins—Associado n.º 235

Vogal: Manuel José da Silva Miranda Fernandes – Associado n.º 370

Suplentes da Lista da Direcção Nacional

1º **Vogal Suplente:** Carla Isabel da Silva da Graça – Associado n.º 2073

2º Vogal Suplente: Maria Alexandra Santos de Azevedo – Associada nº 6728

3° Vogal Suplente: Melissa Shinn – Associado n.° 11198

Comissão Arbitral da QUERCUS

Presidente: Carlos Alberto Marques Pinto Pereira – Associado n.º 12694

1º **Vogal Efectivo:** Manuel Gonçalves – Associado n.º 14879

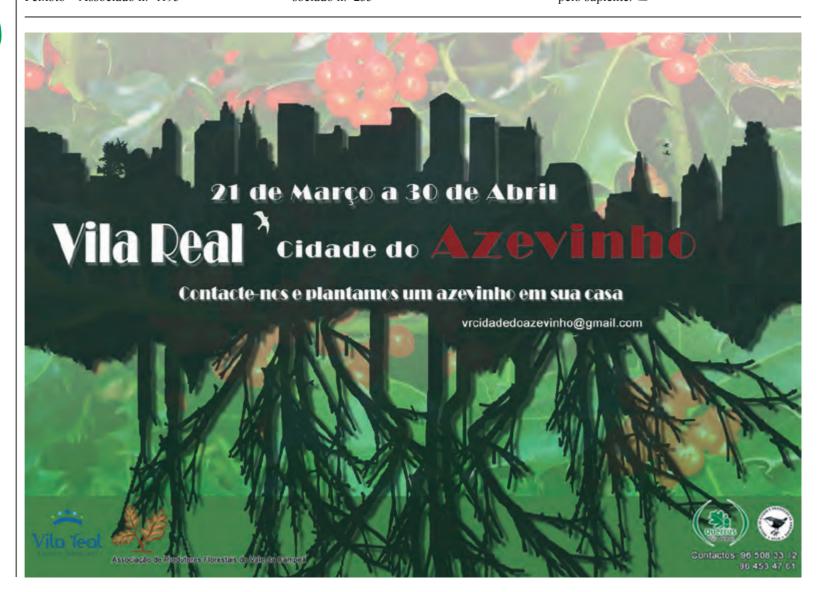
2º Vogal: Catarina Moreno Pina – Associado n.º 14294

1.ª Vogal Suplente: Maria Emília Macedo – Associada n.º 14902

Notas:

1. No caso de impedimento definitivo do Presidente da C.A. este será cooptado de entre os 3 vogais eleitos;

2. No caso de impedimento definitivo de um dos vogais efectivos estes serão substituídos pelo suplente.



Comemorações do "Dia Mundial da Floresta" e "Dia da Árvore"

Núcleo Regional de Portalegre da Quercus

ssociando-se às comemorações do "Dia Mundial da Floresta" e "Dia da Árvore", o Núcleo Regional de Portalegre da Quercus marcou presença em dois eventos no distrito, com um espaço de exposição dos seus projectos e organizando algumas actividades de Educação Ambiental dirigidas às Escolas do Ensino Básico.

▶ Dia 27 de Abril, Ponte de Sor



 Encontro de Clubes da Floresta do Alto Alentejo (PROSEPE)

Neste evento, em que estiveram representadas diversas entidades estatais e privadas, pretendeu-se levar a cabo uma diversidade de actividades que vão ao encontro dos objectivos traçados pelos "Clubes da Floresta" das várias Escolas do Distrito de Portalegre.

Para tal, ao longo do dia, e em permanência, existiu no espaço uma Feira Florestal, composta por diferentes exposições das Instituições convidadas. Foi também realizada uma acção sobre "Prevenção de incêndios florestais", diversos percursos na Floresta e workshops temáticos.

▶ Dia 20 de Março, Monforte - Come-



morações do "Dia da Árvore" (Gab. Técnico Florestal de Fronteira, Monforte e Sousel).

Ao longo deste dia, e no local, decorreram diversas actividades na zona envolvente à Ribeira Grande, nomeadamente exposições, percursos pedestres, plantações de árvores.

Participaram cerca de 500 alunos dos jardins-de-infância e escolas do 1º, 2º e 3º ciclos, para além dos respectivos educadores e professores, assim como várias instituições e Associações convidadas.

Percurso pedestre em Benavila

O Núcleo Regional de Portalegre da Quercus organizou em Benavila, concelho de Avis, no dia 22 de Março, um percurso pedestre que teve como objectivo a observação e a compreensão do património natural da zona.

Esta actividade, integrada no projecto "Avis – Um concelho a caminhar" e nas celebrações do "Dia Mundial da Floresta e da Árvore" pretendeu sensibilizar os participantes para a valorização e conservação dos valores ambientais e paisagísticos, promovendo de igual forma, práticas activas de usufruto sustentável



dos masmos

Ao longo do percurso pedestre os participantes tomaram contacto com a beleza e diversidade das paisagens existentes nesta zona, assim como puderam identificar um pouco da fauna e flora existentes no local.

O percurso teve uma extensão de cerca de 7 km e decorreu no Sítio de Cabeção, uma área pertencente à Rede Natura 2000. Participaram na actividade cerca de 30 pessoas, tendo ao longo da mesma reinado a boa disposição e o interesse dos participantes pelas temáticas abordadas.

Projecto Vita Activa esteve em Portugal

"A Cavalo por uma Europa sem transgénicos"

Nuno Sequeira

iniciativa "Vita Activa", protagonizada pelo jovem casal Maria e Markus Schlegel, circula pela Europa numa carruagem antiga puxada por dois cavalos com o intuito de sensibilizar para a



agricultura sustentável e contra os alimentos transgénicos. Até agora já atravessaram a Suíça, França, Espanha e Portugal.

Em Portugal, estes arrojados viajantes

percorreram, ao longo de três semanas, um itinerário que passou por Campo Maior, Elvas, S. Vicente, Arronches, Portalegre, Nisa, Vila Velha de Ródão, Castelo Branco e Monfortinho. Em cada uma destas localidades contactaram com escolas, mercados e outros organizações, numa interacção pessoal em muito facilitada pela curiosidade que despertou uma comitiva tão original.

A Plataforma Transgénicos Fora dinamizou a iniciativa, que teve o apoio logístico dos Núcleos Regionais de Portalegre e de Castelo Branco da Quercus. Integrada na passagem do Vita Activa em Portugal, foi também organizada uma marcha alargada no fim-de-semana de 28 Fevereiro e 1 de Março, entre Arronches e Portalegre, a poucos quilómetros da dos ensaios com milho transgénico que decorrem desde o ano passado.

Galardão é atribuído pela Associação Ambiental espanhola ADENEX

Quercus foi um dos vencedores dos Prémios ADENEX 2008

Nuno Sequeira

o passado sábado, dia 18 de Abril, realizou-se a entrega dos Prémios ADENEX 2008, atribuídos em Janeiro na última Assembleia Geral desta prestigiada Associação de Defesa da Natureza e dos Recursos da Estremadura. Nesta edição, a Quercus - Associação Nacional de Conservação da Natureza foi um dos premiados, a par com o Projecto "Desemillas" (Recuperação e valorização das biodiversidade agrícola em Tentudía); a ADEPA (Associação de Defesa do Património "Sierra de San Pedro - Los Baldíos"), Cristina Narbona (ex-Ministra do Ambiente de Espanha) e a Associação Sociocultural "Aldea Moret" (Cáceres).

A entrega dos prémios teve lugar no Hotel Machaco, em Albuquerque, e contou na assistência com vários convidados, sócios, dirigentes e simpatizantes da ADE-



NEX, autoridades e meios de comunicação social.

Pode saber mais em:

http://www.hoy.es/20090419/regional/adenex-entrega-premios-presencia-20090419.html

No Centro de Educação Ambiental de Monsanto

Oficinas de escrita criativa e Natureza

Vanda Marques

Quercus, através do Grupo de Formação e Educação Ambiental promove a realização de Oficinas de Escrita Criativa e Natureza inseridas no âmbito da Programação de Actividades do Centro de Educação Ambiental de Monsanto, em Lisboa.

► "A Musa-Natureza" (6h)

Público-Alvo: Adultos

Esta Oficina de Escrita Criativa permitirá experimentar as possibilidades literárias dos textos que são escritos. É uma oportunidade para explorar, tanto quanto possível, uma série de constrangimentos linguísticos associados ao acto de escrever. Será um espaço que pretende desenvolver a capacidade de observação da natureza traduzindo-se numa eficaz expressão escrita. Serão realizados dois módulos.

- 16 de Maio (sábado) 15h às 18h Duração - 1º Módulo: 3h
- A linguagem e escrita, Suas diferenças e complementaridades;
- Definição de estilo, Valorização da originalidade de cada formando com vista à consciencialização do seu próprio estilo literário.
- Criatividade do acto de escrever, Promover o acesso ao mundo interior de criatividade e de associação de ideias, exercitando a capacidade de o expressar através da escrita.
 - 23 de Maio (sábado) 15h às 18h Duração - 2º Módulo: 3h
- Desenvolver métodos de escrita específica
 - A Natureza como musa Exercícios



• A escrita a partir da observação: literatura de viagens e outros géneros literários que permitem desenvolver em simultâneo a capacidade de observação e descrição.

As Oficinas de Escrita Criativa e Natureza serão realizadas por Raquel Ochoa. Nº máximo de participantes: 15

N° maximo de participantes: 15 Inscrição: 40€/participante

Para mais informações e inscrições:

Quercus – Grupo de Formação e Educação Ambiental

Centro de Educação Ambiental de

Monsanto

Tm: 93 525 00 77

educacaoambiental@quercus.pt

Desenvolver actividades em prol do Ambiente

Ricardo Nabais e Bruno Almeida

Núcleo Regional da Guarda da Quercus – A.N.C.N. tem nova direcção. Eleita a 28 de Fevereiro em Assembleia de Núcleo para o biénio de 2009-2011.

Ricardo Nabais continua à frente do núcleo como presidente, enquanto Bruno Almeida e Regina Rodrigues assumem respectivamente as funções de tesoureiro e secretária do núcleo. A nova equipa é ainda composta pelos vogais efectivos Agostinho Ferreira, Elsa Nunes, Sónia Sanchez e Tiago Silva e pelo vogal suplente André Santos.

É inegável que a falta de recursos humanos dos últimos anos tem afectado não só a realização de actividades e a sua participação bem como a continuidade do próprio núcleo. Mas é neste sentido que esta nova direcção pretende trabalhar, promovendo um estilo de vida activo e dinâmicos dos seus cidadãos, contribuindo desta forma para um melhor desenvolvimento da sociedade local.

Pretendemos estabelecer um contacto próximo com todos os sócios do distrito, através do envio regular de informação e simultaneamente manter uma porta aberta à recepção de todas as queixas e solicitações que os sócios ou outros cidadãos do distrito verifiquem, desde que devidamente identificadas.

As actividades a desenvolver ao longo do ano de 2009 estarão muito dependentes dos acontecimentos e solicitações da própria sociedade, nomeadamente escolas, câmaras e outras entidades do distrito cujos objectivos de defesa do ambiente sejam comuns.

Próximas actividades

Ficam alguns projectos que pretendemos desenvolver durante os próximos meses.

► Censo das Cegonhas pretende-se fazer um levantamento, um inventário dos ninhos e números de casais existentes em alguns concelhos do distrito; para o sucesso desta actividade é essencial a participação das escolas da região, abordando



Recta de Marialva Concelho de Mêda onde se encontram 5 ninhos actualmente todos ocupados

temas relacionados com o ambiente e a importância da preservação de espécies Link do blog:

http://censosdacegonha.blogspot.c

► Clean Up esta actividade está prevista para os finais de Maio e pretende reunir o máximo de voluntários para a realização de tarefas como remoção de lixo e melhoramento de espaços. Pretendemos realizar esta actividade no concelho de Manteigas.

► Iremos marcar presença na Feira do Mundo Rural – 5ª Mostra Agro-Alimentar do Alto Côa, a realizar nos dias 30 e 31 de Maio na vila de Soito no concelho de Sabugal, pela terceira vez consecutiva.

▶ Presença no Festival Serra da Estrela a realizar entre os dias 23, 24, 25 e 26 de Julho em Valhelhas.

▶ Passeios Ciência Viva à semelhança do ano passado pretendemos candidatar as várias sedes de concelho do distrito da Guarda a algumas actividades nos meses de Verão, nomeadamente "Conheceras Árvores" contando com a colaboração de todos os interessados pela temática. Procuraremos construir um mapa das árvores mais antigas desse concelho para futuras iniciativas semelhantes por isso qualquer ajuda é uma mais-valia.

Aguardem por mais notícias dentro em breve

Actividades realizadas

1 Data: 18-03-2009 **Local:** Viseu

Responsável: Ricardo Nabais **Actividade:** Sessão de Sensibilização na Escola Superior Agrária de Viseu.

Descrição: Visualização do Documentário da BBC - Criaturas do Montado e debate da importância do tipo de ecossistemas; apresentação do Projecto Green Cork e criar bosques

Número de Participantes: 15 alunos e 2 docentes

2 Data: 20-03-2009

Responsável: Ricardo Nabais

Local: Trancoso

Entidades parceiras: Clube da Floresta da Escola Secundária c/3º Ciclo Gonçalo Anes Bandarra

Actividade: Sessão de Sensibilização



em Trancoso

na Escola

Descrição: Apresentação do Projecto Green Cork e criar bosques; saída para o Parque Municipal; conhecer as árvores existentes; preenchimento de uma ficha de identificação das espécies para elaboração de um dossier com todas as espécies.

Número de Participantes: 25 alunos e 2 docentes



Núcleo Regional da Guarda da Quercus Contactos do núcleo:

Núcleo Regional da Guarda da Quercus (sediado no Centro Coordenador de Transportes da Guarda, vulgo Central de Camionagem)

Apartado 156 - Município Guarda 6301-954 Guarda Fax. 271 388 232 / Telm. 931 104 568 E-mail guarda@quercus.pt

Renaturalização do Rio Leça

Núcleo Regional do Porto da Quercus



Câmara Municipal da Maia em parceria com a Quercus – Núcleo Regional do Porto, tem vindo a desenvolver esforços no sentido de despoluir o Rio Leca

O projecto "Corrente Rio Leça", surge na urgência de tornar este rio, novamente, num local de fruição da natureza, através da renaturalização das margens, e fomento dos ecossistemas ribeirinhos, pelo enriquecimento da sua Flora e consequentemente, Fauna autóctone. Desta forma, apelamos a todos os sócios e voluntários que participem e se inscrevam através dos seguintes contactos telefónicos, 222 011 065 ou 931 620 212, ou para o e-mail porto@quercus.pt.

Para contribuir basta levar vontade, todos os utensílios serão fornecidos, galochas e luvas de protecção, estando também todos os participantes cobertos com seguro pessoal

O Local de encontro será às 09:00, na escadaria da Câmara Municipal da Maia. Estando assegurado o transporte, assim como lanche, brindes, informação relativa ao projecto e certificado de participação.

Todos os sábados de Maio a Setembro. Contamos com a Sua presença.

22 de Maio - Dia da Biodiversidade

Exposição Natureza em Risco para crianças

Núcleo Regional do Porto da Quercus

Exposição Natureza em Risco, uma iniciativa do Núcleo do Porto, continua a sua digressão pelo país com muito sucesso. Esta exposição alerta para as espécies portuguesas e biodiversidade ameaçada e para as causas de ameaça, através de uma viagem pelo mundo da ilustração científica de Nuno Farinha, com informação precisa e rigorosa sobre esta temática.

Com o dia da Biodiversidade, comemorado a 22 de Maio, queremos passar este testemunho a um outro público, que realmente tem nas suas mãos a missão de salvaguardar



estas espécies e a biodiversidade reduzindo as suas ameaças — as crianças. Nesta data será inaugurada a Exposição para crianças que acompanhará a dos adultos. Acompanhada pela mascote da Natureza em Risco, o Urso pardo, neste momento extinto em Portugal, ele próprio vai alertar as futuras gerações para as ameaças aos ecossistemas e espécies, que levaram a que, por exemplo, ele próprio se extinguisse em Portugal.

A exposição terá uma inauguração condigna do seu público-alvo que poderão aceder com o convite que já foi enviado para escolas, e terão a oportunidade de usufruir de visitas guiadas por monitores à exposi-



ção, um lanche autóctone e um espectáculo sobre a Natureza em Risco. Poderão ainda ser fotografados com a mascote, o Urso pardo, e levarão uma lembrança física da exposição além da lembrança inesquecível do que será esta experiência.

Será ainda lançada neste dia a brochura da exposição, uma síntese da mesma, que será oferecida exclusivamente aos professores que inscrevam as suas turmas para a visitar a exposição. Estará também disponível para venda.

A exposição Natureza em Risco para crianças estará patente na Quinta da Gruta, na Maia, de 22 de Maio a 22 de Junho de 2009. Após este período também partirá em digressão pelo país acompanhando a exposição mãe.

Contactos:

Visitas guiadas para grupos ou requisição da exposição: porto@quercus.pt

Núcleo de Coimbra prepara nova dinâmica

Núcleo Regional de Coimbra da Quercus

oi eleita uma nova direcção para o Núcleo de Coimbra, numa Assembleia de Núcleo que foi miseravelmente participada em termos da presença de sócios. Desta nova direcção fazem parte associados com larga experiência no movimento associativo e longo historial enquanto membros da QUERCUS. Foi assim numa Assembleia de Núcleo, que se realizou na sede do Núcleo em princípios de Fevereiro, que os sócios Adelaide Chichorro Ferreira, João Paulo Pedrosa, Jorge Manuel Figueiredo e Paulo Adriano Andrade receberam da direcção cessante a gestão do Núcleo, que se encontrava bem organizado, com os compromissos cumpridos e com uma situação financeira bastante boa, num belo exemplo de como se pode fazer uma gestão equilibrada de uma estrutura associativa.

Aprovando na mesma Assembleia de Núcleo um plano de actividades onde apenas se compromete a tentar continuar a boa gestão do Núcleo de Coimbra, a nova Direcção vai também tentar fazer com que haja uma maior participação dos associados, pelo que iniciou na internet um novo espaço de troca de informações com os sócios mais activistas,



e que será o substituto da lista de divulgação e discussão que já existia. Para aceder a este novo espaço de diálogo os sócios devem aceder ao seguinte endereço: http://quercuscbr.ning.com, onde depois de uma breve processo de adesão (que certificará a segurança na participação), poderão desde logo começar a ter acesso a informação actualizada e divulgar actividades e assuntos que mais lhes interessem.

Para os associados que não tenham acesso à internet, mantemos ainda outros meios de contacto, como o correio postal, através do Apartado 4120 , 3031-901 COIMBRA , e através de contacto telefónico, com os números 961265947, 927986157 (dias úteis das 21h às 22h).









Palestra

"O papel da Quercus na recuperação da Fauna em Portugal"

Núicleo Regional de Braga da Quercus

o passado dia 13 de Março a Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva foi palco de mais uma palestra da série "Natureza em Risco". Desta vez, o público acorreu para ouvir Madalena Martins do Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco (C.E.R.A.S.), da Quercus. As cerca de 15 pessoas que se encontravam na plateia puderam assistir a uma conversa informal sobre os problemas que afectam as aves em Portugal.

A sessão foi iniciada com um breve resumo da situação. Actualmente projectos como o Programa Antídoto Portugal (contra o uso ilegal de venenos), o Fundo para a Conservação da Natureza (que adquire terrenos para plantar árvores ou construir pombais), são alguns dos exemplos. De seguida foi explicitado o mecanismo de trabalho num centro, desde a entrega das aves, por populares ou vigilantes, ao seu tratamento e posterior libertação.

O C.E.R.A.S. é um dos 3 centros que a Quercus possui, espalhados pela país, sendo que o ICNB (Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade) possui 3, a Liga para a Protecção da Natureza possuiu 1 em Évora, e a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro 1 também em Vila Real. Existem ainda 2 centros de recuperação geridos por câmaras municipais como é o caso do Centro de Recuperação de Monsanto e o Parque Biológico de Gaia.



O Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco debate-se, como muitos outros, com dificuldades económicas. O trabalho é efectuado por voluntários e tem a preciosa ajuda da Escola Superior Agrária, bem como do Continente. Desde 1999 já trataram mais de 1100 animais. Recebem estagiários de programas nacionais e europeus. Os grandes objectivos são recuperar e conservar as espécies selvagens, poderão ser realizados, paralelamente, estudos relativos à biologia das espécies e acções de educação ambiental e de formação, sempre que estas actividades não interfiram com o processo de recuperação dos animais. Uma parte significativa do tempo é ocupada na Educação Ambiental em Escolas e Entidades. Detêm também uma plumoteca (uma biblioteca digital de penas), estando ainda a participar num projecto da EDP que prevê a correcção das linhas eléctricas, de forma a minorar os danos que estas provocam nas aves. A palestra terminou com um veemente apelo da oradora para o voluntariado, apadrinhamento ou donativo a este Centro. Ana André

Workshop

"Líquenes como indicadores da qualidade ambiental"

Núicleo Regional de Braga da Quercus

sta foi a primeira e muito bem sucedida edição dedicada ao estudo dos líquenes.

Marcada para o dia 14 de Março de 2009, os 22 participantes não faltaram à chamada ecomparecerampelas 9h30 no Mosteiro de Tibães.

Apesar de um pequeno atraso inicial, a actividade iniciou-se pelas 10h30 da manhã conduzida pela Dr.ª Joana Marques, Investigadora do CIBIO - Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos.

Inicialmente foi apresentada uma definição do líquene bem como as características que compõem as diferentes classes, assim como as vantagens/desvantagens que os mesmos representam no nosso ecossistema. No caso dos líquenes matriz (matrix), estes são abrigo para artrópodes e molúsculos e têm papel fundamental na formação e estabilização dos solos. Em florestas de coníferas podemos encontrar frequentemente líquenes do tipo fruticolosos, que preferem os troncos das mesmas. Os líquenes podem ser indicadores de poluição, de metais e mesmo níveis de carbonato de sódio. São aplicados na perfumaria, tinturaria, na medicina e na decoração.

A sessão foi interrompida por volta das 11h para um breve lanche composto por mel biológico e pão de bolota acompanhado por chá de nêveda, também de Agricultura Biológica. Após este pequeno intervalo foi retomada a exposição teórica que constituiu numa explicação das propriedades liquénicas. Por voltas das 12h45m foi servido o



almoço macrobiótico por um restaurante local. Do agrado de todos e commuito entusiasmo passou-se para a pequena saída de campo. Após breve visita ao Mosteiro iniciamos o percurso pela Cerca do Mosteiro de Tibães. Zona com uma grande biodiversidade, foi possível observar espécies como Pertuzaria amara e Pertuzaria albecis que são distinguíveis através do sabor, Parmelia capracea, Parmelia chinese muito abundantes e facilmente distinguíveis. Também se observaram a Ramalina farinacea, líquene fruticoloso assim como a Cladonia cuja estrutura se assemelha a pequena flores, a Lepro caula cuja textura macia se desfazao mínimo toque eque prefere os muros como habitat. Porvoltas das 16.30 regressamos à sala de trabalhos de forma a proceder à identificação das espécies recolhidas. Com alguma dificuldade mas com a preciosa ajuda da formadora foi possível chegar às principais espécies. Foi com grande sentimento de aprendizagem e satisfação pelo dia bem passado que os participantes regressaram a suas casas por voltas das 18 horas. Ana André





Resíduos de construção e demolição

A Quercus apresenta proposta para aumentar a reciclagem de Resíduos de Obra

Carmen Lima



concluir que estes resíduos continuam a não ter os destinos ambientalmente adequados.

Por outro lado, a importância de considerarmos metas de reciclagem na gestão dos resíduos, que segundo a Directiva Comunitária aponta para taxas na ordem dos 70% para os resíduos de obra, facto que não foi considerado com a publicação do referido diploma, levou a que a Quercus apresentasse uma Proposta no Ministério do Ambiente para a incorporação mínima obrigatória de 5% de materiais reutilizáveis ou recicláveis, em Obras Públicas.

Esta Proposta pretende promover o escoamento de materiais reciclados, como as fracções inertes resultantes dos processos de triagem e reciclagem, implementados em instalações de tratamento do fluxo dos RCD, que devido ao difícil escoamento, são armazenados e encaminhados para deposição em aterro. Por outro lado, é ainda assumido como objectivo a orientação dos Projectos e das Empreitadas Públicas para a incorporação de materiais sustentáveis, como por exemplo os que referenciamos: agregados inertes reciclados, BMB – betume modificado com borracha, equipamento em plástico reciclado

urante muitos anos a Quercus alertou para o problema da má gestão dos resíduos provenientes de obras de construção e demolição, nos quais a ausência de legislação específica potenciou situações de manuseamento incorrecto e deposição ilegal, bem como a proliferação de empresas não licenciadas para a recolha e aluguer de contentores, com elevados impactes ambientais e sociais.

Esta situação foi considerada em 12 de Março de 2008 com a publicação do Decreto-lei n.º 46/2008, que regulamentou critérios e obrigações para a gestão dos Resíduos de Construção e Demolição – RCD (vulgarmente designados por entulhos), tendo inclusive introduzido a triagem e reutilização destes detritos em obra, bem como o reforço da obrigatoriedade do encaminhamento dos mesmos para destinos finais autorizados.

Estas medidas potenciaram a aposta em soluções que promovem a reutilização, reciclagem e produção de materiais reciclados, capazes de serem utilizados como substitutos de materiais naturais, com qualidade similar. Pese embora a legislação tenha permitido uma evolução e organização do sector dos resíduos na indústria da construção, no qual se tem verificado algum esforço por parte dos Donos de Obra e dos Empreiteiros para o seu cumprimento, continuam a coexistir os exemplos de incumprimento legal, bem como um défice de resíduos para tratar

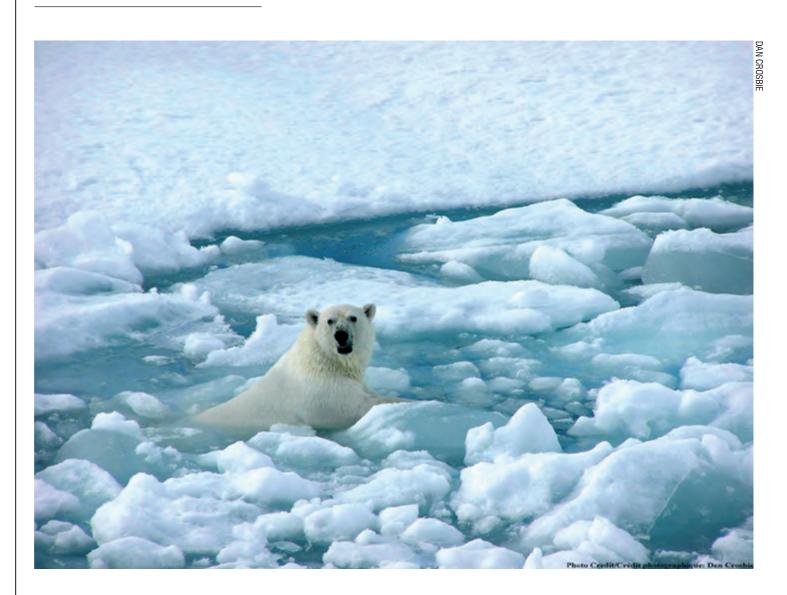
nas instalações dos operadores licenciados, ou mesmo alguma relutância em experimentar os materiais reciclados e os incorporar nos Cadernos de Encargos. Estas realidades permitem-nos

e plástico misto, revestimentos e isolamentos reciclados (borracha, cortiça, EPS ou pladur), janelas produzidas com incorporação de vidro reciclado, entre outros.

Na rota para Copenhaga

Aquecimento global: diversas faces de um fenómeno

Francisco Ferreira e Ana Rita Antunes



conceito do aquecimento global entrou no nosso dia-a-dia como expressão de uma preocupação cada vez major.

O aquecimento global resulta da emissão de gases com efeito de estufa provenientes entre outras coisas da queima de combustíveis fósseis como o carvão, o petróleo e o gás natural, muitas vezes agravado pela incapacidade das florestas, que ocupam um espaço cada vez menor, de absorverem o carbono. O dióxido de carbono é o principal gás de efeito de estufa.

É uma consequência do progresso, que vem desde a revolução industrial, quando o homem começou a produzir energia através da queima de combustíveis fósseis, um processo que chegou até aos nossos dias.

Os resultados estão a ser estudados; mas já se pode concluir que a forma como as pessoas vivem e trabalham está a provocar um aumento global da temperatura, com consequências que ainda mal adivinhamos, mas que já indiciam um mundo com muitos mais problemas.

Um aumento de temperatura faz derreter o gelo nos pólos. Faz aumentar a temperatura do oceano. Provoca alterações nos regimes da chuva. E estes são apenas alguns dos fenómenos associados ao aquecimento global.



Os cientistas apresentam um quadro onde a alteração climática, se o aquecimento do planeta for superior a dois graus centígrados em relação à era pré-industrial, será dramática. Doenças por exemplo como

a malária abrangerão áreas muito maiores do que as actuais; várias regiões sofrerão de menos e de pior água; os equilíbrios de diversos ecossistemas estarão em risco com perdas significativas de biodiversidade.

Impõe-se um plano de adaptação para novos fenómenos climáticos e para todas as modificações que vão acontecer no nosso dia-a-dia. O desafio é enorme e não tem fronteiras, não conhece países nem continentes – é um problema global, a pedir uma solução global. Mas se é grande e nos compromete a todos, a responsabilidade é maior por parte dos países que se

do século, não tem uma só solução, um só caminho. É preciso actuar em vários domínios para assegurarmos que as próximas gerações não tenham uma qualidade de vida pior do que a nossa.

Temos que encontrar soluções alternativas para a produção de energia e de bens, e para a forma como nos deslocamos, que não passem pelos combustíveis. Isto



desenvolveram e criaram riqueza à custa da queima dos combustíveis fósseis. São estes os primeiros responsáveis deste aquecimento global.

Em muitos países onde a qualidade de vida é já mínima, as alterações climáticas serão um factor de agravamento de tensões sociais e de maior crise económica. Se as questões políticas da equidade, da distribuição equilibrada de bens e rendimentos, estão já na ordem do dia, a crise climática

é fundamental para reduzir as emissões e abrandar o aquecimento global. As energias renováveis são uma das formas de o conseguir. Em Portugal, por exemplo, estamos com um aproveitamento maior e melhor das energias renováveis. Neste novo século, a juntar à energia hídrica já produzida pelas barragens há algumas dezenas de anos, juntam-se agora a energia eólica, o aproveitamento das florestas, a energia solar e a energia das ondas.



irá agravar de forma decisiva a situação de muitas populações. É portanto e também uma questão de política económica

Não é difícil imaginar que estes reptos são ainda mais difíceis para os países em desenvolvimento, onde os problemas de alimentação, de saúde, de habitação são maiores, e onde os governos têm menos recursos financeiros, como é o caso de Portugal.

A resolução desta questão ambiental - classificada por muitos como a maior

Estas tecnologias de produção de energias renováveis existem nos países desenvolvidos, mas é de todo conveniente que se desenvolvam por igual e no resto do mundo. Ora, é aqui que começam os problemas entre países ricos e pobres. Para os países em desenvolvimento produzirem energia por fontes renováveis precisam da ajuda dos países ricos. Mas estas novas tecnologias estão nos países desenvolvidos e só com apoio financeiro é que os países em desenvolvimento conseguem alcançá-las.

Por um lado tem de reduzir a emissão

de gases que provocam o aquecimento global, ou gases de efeito de estufa; por outro, enquanto isto acontece, e levará muitos anos, possivelmente gerações, é preciso ter um plano para fazer face às consequências deste aquecimento global. E se as consequências se vão fazer sentir em todo o planeta, também não é difícil de imaginar que os países com menos recursos financeiros terão mais dificuldade em lidar com secas, cheias, aumento do nível do mar ou combate a novas doenças até aí desconhecidas pelas populações.

A comunidade científica afirma que para um combate ao aquecimento global os países industrializados têm de cortar mais de um quarto as emissões que são responsáveis até 2020 e ajudar os países em desenvolvimento a reduzir as suas emissões de carbono.

O que acontece até agora é que os Estados Unidos da América ainda apresentam níveis fracos de comprometimento com a redução das emissões e a Europa diz que vai cortar sim, mas o maior esforço ainda não é dentro da Europa - o corte das emissões passa pela ajuda a outros países na redução das emissões.

Os países em desenvolvimento respondem a isto que estão dispostos a ajudar na resolução deste problema global e contribuir para a meta de 2050 traçada pelos cientistas-redução de metade das emissões em todos os países; mas que antes querem ver os países desenvolvidos a comprometeremse a sério com esta questão.

É uma agenda urgente. Nos próximos anos, décadas, as preocupações de grande aumento das emissões está nos países em desenvolvimento e nas chamadas economias emergentes - países que apresentam índices elevados de crescimento económico, de crescimento populacional e onde os governos podem agora apostar na melhoria da qualidade de vida das suas populações.

O grande dilema surge na cooperação entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Até à última reunião dos ministros europeus das Finanças, a ajuda programada para dar aos países que já estão a sofrer os efeitos das alterações climáticas eram consideradas pelas associações ambientalistas como "migalhas".

Em Dezembro de 2009, em Copenhaga, todos esperam que seja aprovado um novo acordo de redução de emissões que irá definir os objectivos e as regras à escala mundial após 2012, traçando metas para 2020 e apontar metas para 2050. Este acordo é na sequência do Protocolo de Quioto que tem como objectivo cortar as emissões em apenas 5 por cento entre 2008 e 2012, face às emissões de 1990.

Apoiar um desenvolvimento mais amigo do ambiente nas economias emergentes, saber como suportar muitos países pobres envoltos em crises políticas e humanitárias e acima de tudo saber reduzir à escala mundial as emissões de gases com efeito de estufa, evitando um aumento dramático da temperatura, são as próximas decisões do países e das Nações Unidas em matéria climática.

Transformar as alterações climáticas numa oportunidade para o recurso às energias renováveis, eficiência energética e entendimento entre os povos num quadro de responsabilidade partilhada entre países e dentro de cada país é um desafio que tem de contar com a participação de todos, ao nível da responsabilidade de cada um. 🧆

BREVES

União Europeia tem demasiados barcos de pesca



A União Europeia tem barcos de pesca a mais para os recursos pesqueiros disponíveis. O cenário é de sobre-exploração, com 88 por cento dos "stocks" pescados a um ritmo tal que não conseguirão manter-se a longo prazo. O Livro Verde sobre a reforma da Política Comum das Pescas, que a Comissão Europeia apresentou no passado mês de Abril, defende uma redução do esforço de pesca e uma maior responsabilidade dos pescadores na gestão dos "stocks".

Governo autorizou abate de centenas de árvores



O Governo autorizou o abate de centenas de árvores num povoamento florestal, localizado na zona de expansão do Aeródromo Municipal de Ponte de Sor, considerando a medida de "imprescindível utilidade pública".

O despacho, já publicado em Diário da República, foi assinado pelos ministérios da Administração Interna, do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional e da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas.

Desastres climáticos vão afectar 375 milhões de pessoas por ano em 2015



As organizações humanitárias internacionais poderão ficar sem capacidade de resposta em 2015, quando o número de pessoas afectadas anualmente por catástrofes naturais relacionadas com as alterações climáticas aumentar 54 por cento para os 375 milhões, alertou a associação Oxfam.

No relatório "O Direito à Sobrevivência" ("The Right to Survive"), a Oxfam explica este aumento pela combinação da pobreza com a migração para bairros densamente povoados, situação que poderá agravar os impactos dos desastres climáticos. A acrescentar, lembra a Oxfam, há o fracasso político para responder a estes riscos e um sistema de ajuda humanitária que ainda não está adaptado.

WWW.CALEDONIAN.AC.UK

Azereiro

Uma relíquia do terciário

O azereiro, espécie autóctone e algo rara em Portugal, constitui-se como uma relíquia da Laurissilva. É uma espécie de elevado interesse ecológico (contribuindo para a manutenção do equilíbrio ecológico e a sustentabilidade dos ecossistemas) e ornamental.

Andreia Gama

á 20 milhões de anos a nossa floresta, devido às condições climáticas subtropicais bem diferentes do nosso actual clima, era essencialmente constituída por uma vegetação perenifólia, chamada Laurissilva. Contudo, a era das Glaciações levou a alterações geológicas e por sua vez à alteração climatérica, o que levou a que a maioria destas espécies procurassem refúgio em formações arbóreas de caducifólias. Da Laurissilva faziam parte espécies como o azereiro, sobrevivendo confinados a raras localizações, onde as condições climatéricas se assemelham ao existente na era terciária e em que as antigas laurissilvas prosperavam no ocidente ibérico.

O azereiro (Prunus lusitanica L. subsp. lusitanica) é uma espécie da família das Rosáceas, a qual se encontra representada em Portugal Continental por mais de 70 espécies, como por exemplo a macieira (Malus domestica), o morangueiro (Fragaria (ananassa), entre outras espécies, sendo algumas pertencentes ao mesmo género que o azereiro — Prunus — como sejam a cerejeira (Prunus avium) ou o pessegueiro (Prunus pérsica). Para além da subespécie lusitanica, em Portugal Insular reconhecem-se mais outras duas subespécies, a subespécie hixa (Willd.) Franco na Madeira e azorica (Mouillef) Franco nos Açores.

O azereiro caracteriza-se essencialmente por raminhos e pecíolos avermelhados, inflorescências que podem ter até 100 fragrantes flores de cor branco-creme, excedendo claramente o tamanho das folhas persistentes de formato ovado-lanceoladas ou oblongo-lanceoladas, coriáceas e algo pêndulas, acuminadas (terminando em ponta geralmente aguda), com margem crenada ou dentada, glabras, verde escuras e lustrosas na página superior, sendo



verde-amareladas na página inferior. O fruto é uma drupa (fruto carnudo e indeiscente, com uma ou mais sementes que se encontram incluídas num só caroço lenhoso ou ósseo ou cada semente em seu caroço independente) glabro e brilhante, ovóides, pouco carnoso, de coloração que varia pelo verde, vermelho e por fim negro-púrpura quando maduro no final do Verão, sendo amargo e áspero. Estamos portanto perante uma árvore perenifolia, de copa densa, até 10 m de altura (raramente até 20 m), de casca acinzentada, quase lisa. A sua madeira apresenta uma tonalidade rosada, e pode ser utilizada em pequenos trabalhos de marcenaria.

Os estudos geológicos indicam que a origem do azereiro estará na Península Ibérica e Marrocos. Estamos, portanto, perante



uma espécie autóctone que contribui para a manutenção do equilíbrio ecológico e a sustentabilidade dos ecossistemas, apesar da sua humilde presença no nosso território. Ocorre na Península Ibérica, pontualmente no sul de França e Marrocos.

O azereiro procura climas húmidos e temperados, que sejam sombrios e apresentem poucas geadas, com Invernos suaves e húmidos, e no Verão com nevoeiros frequentes. Prefere solos siliciosos e ácidos, embora também suporte solos neutros ou mesmo alcalinos. Contudo, quando plantada, esta é uma espécie que pode mesmo ser indiferente ao tipo de substrato, sendo bastante resistente ao frio, à contaminação dos solos, e, uma

vez instalada, à seca. Podemos encontrá-la na orla exterior de comunidades ripícolas e vales húmidos dos sistemas montanhosos peninsulares, ocorrendo, geralmente, a uma altitude entre os 500 e 900 m. Porém, se as condições climáticas forem favoráveis, poderá surgir em cotas inferiores.

Em Portugal, os azereiros encontramse apenas em algumas áreas de refúgio onde predomina este microclima de que necessitam para o seu desenvolvimento, mais especificamente nas serras do Gerês, Amarela, Buçaco, Estrela, Pampilhosa, Alvéolos e Sintra. Nas Serras do Açor e Lousã existem actualmente interessantes manchas desta espécie.

Para além do nome comum, o azereiro

é igualmente conhecida por loureirode-Portugal, o que se poderá dever a ser igualmente uma espécie de folha persistente, e que a uma primeira vista terá algumas semelhanças ao loureiro (Laurus nobilis), sendo interessante verificar que tanto em francês como em inglês é desta forma que se denomina, Laurier du Portugal e Portugal laurel, respectivamente.

A sua beleza, interesse ecológico, rusticidade, apetência para constituir sebes, são mais do que justificativas para o seu uso ornamental em detrimento de espécies exóticas, normalmente mais agressivas e que necessitam de maior intervenção para a sua manutenção.

Ficha técnica

Família: Rosaceae Género: Prunus

Espécie: *Prunus lusitanica L.* subsp. lusitanica **Nome vulgar:** Azereiro; Loureiro-de-Portugal

Aspecto: árvore perenifólia, até 10 m de altura (raramente 20 m); apresenta ritidoma (parte da casca das plantas formada por tecidos mortos) quase liso e acinzentado; raminhos avermelhados e glabros, inermes (destituídos de qualquer estrutura vulnerante - picante).

Folhas: ovado-lanceoladas ou oblongo-lanceoladas, 7-15 * 2.5 – 5.5 cm, coriáceas e algo pêndulas, acuminadas, com margem crenada ou dentada, glabras, verde escuras e lustrosas na página superior, sendo verde-amareladas na página inferior, pecíolo 1-3 cm, vermelho-escuro, glabro.

Flores: flores odoríferas, branco-creme, reunidas em cachos alongados de 15-28 cm, com 50/100 flores por cacho, excedendo visivelmente a folha da axila onde se insere; floresce em Junho.

Fruto: uma drupa de 8-13 mm, glabra e brilhante, ovóide a subglobosa, ligeiramente acuminada, negro-púrpura quando madura; amargo e áspero.

Habitat: barrancos e margens de linhas de água encaixadas, vales húmidos dos sistemas montanhosos peninsulares, matas sombrias.

Distribuição: sul de França, Península Ibérica e Marrocos; em Portugal distribuise essencialmente por algumas áreas de refúgio no Norte e Centro de Portugal, mais especificamente nas serras do Gerês, Amarela, Buçaco, Estrela, Açor, Lousã, Pampilhosa, Alvéolos e Sintra.

Curiosidades: Antigamente era usado como porta-enxerto (cavalo) na enxertia – uma técnica de melhoramento de plantas, em que se promove a união do tecido de duas plantas – de espécies do género Prunus.

Explorando o distrito de Viseu

Gonçalo Elias

ituado na Beira Alta, limitado a norte pelo rio Douro e a sul pelo rio Mondego, o distrito de Viseu é, a par do de Santarém, um dos dois distritos do continente que não tem linha de costa nem de fronteira. Privado assim das zonas húmidas costeiras e das zonas de influência mediterrânica, coberto por vastos pinhais e eucaliptais, este distrito não é particularmente rico em aves – tem um elenco de 150 espécies de aves e nunca foi especialmente popular entre os observadores de aves, tendo ficado sempre um pouco esquecido. Não se pense, porém, que o distrito é pouco interessante para a observação de aves - pelo contrário, existem diversos locais de interesse que albergam espécies pouco comuns e que merecem ser visitados. Neste artigo sugerem-se alguns itinerários para a exploração deste distrito.

Caracterização

O distrito de Viseu compreende 24 concelhos. Está situado na faixa de transição das zonas de influência atlântica, a oeste, para as zonas de influência mediterrânica, a leste. Estas características reflectem-se na composição do coberto vegetal e, naturalmente, na avifauna da região.

A parte mais ocidental do distrito abrange os vales dos rios Mondego, Vouga e Dão (que correm para oeste). Trata-se de uma zona bastante povoada, onde o coberto vegetal se encontra muito alterado, dominando as plantações de eucaliptos e pinheiros-bravos. Do ponto de vista ornitológico esta é a zona menos interessante.

No extremo noroeste do distrito erguese a serra de Montemuro que, com os seus 1380 metros de altitude, é uma das seis mais altas do país e constitui o local de maior altitude desta região.

A parte oriental, e em especial a zona nordeste, situa-se também a uma cota relativamente elevada, destacando-se as serras de Leomil e da Lapa. Aqui a vegetação é dominada por matagais e carvalhais, embora ainda apareçam as plantações de pinheirobravo. O rio Távora, que corre para norte, é o principal curso de água desta parte do distrito, cujo limite setentrional é formado pelo rio Douro.

As zonas urbanas

Quando pensamos em aves de zonas habitadas, vêm-nos à mente o vulgar pardaldo-telhado e o pombo-doméstico. Contudo, os meios urbanos albergam bastante mais espécies e nos aglomerados populacionais do distrito de Viseu é possível encontrar diversas aves interessantes.

Os andorinhões-pretos marcam presença em praticamente todas as sedes de concelho, sendo de assinalar uma interessante colónia no castelo de Penedono. Os andorinhões-pálidos, menos abundantes, têm sido observados sobretudo na parte sul da região, nomeadamente na cidade de Viseu e também em Penalva do Castelo. Além disso, a maioria dos núcleos urbanos do distrito tem a sua colónia de andorinhasdos-beirais

Nas vilas e também nas aldeias, é fre-



quente encontrar-se a andorinha-das-chaminés, o rabirruivo-preto, a alvéola-branca e ainda a rola-turca, que se distribui pela maior parte da região considerada.

Os parques e jardins urbanos são frequentados por diversas espécies de passeriformes, como o melro-preto, o pisco-de-peito-ruivo, o chapim-azul e a trepadeira-comum. No caso da cidade de Viseu, o parque Aquilino Ribeiro é uma

em Trás-os-Montes, que são relativamente pouco comuns a sul do rio Douro. Destacam-se a sombria, a petinha-dos-campos, a ferreirinha-comum, o papa-amoras e a laverca. Junto à aldeia de Campo Benfeito, existe uma colónia de andorinhas-das-barreiras, espécie pouco frequente nesta região do país. As pequenas manchas de carvalhonegral na zona de Bigorne são bons locais para procurar a felosa de Bonelli.



boa opção para procurar estas aves.

As serras

A serra de Montemuro, situada entre Castro Daire e Cinfães, é a elevação mais importante do distrito de Viseu. Esta serra, que actua como contraforte da serra da Estrela, encontra-se coberta por matagais, pequenos carvalhais (sobretudo de carvalhonegral), afloramentos graníticos e alguns terrenos agrícolas. É atravessada por uma rede de estradas municipais, que a tornam relativamente acessível e fácil de visitar e explorar. Aqui podem ser encontradas, com relativa facilidade, diversas espécies de aves características de zonas de altitude e que, embora frequentes no alto Minho ou

O distrito possui duas outras serras que se elevam acima dos 900 metros: são elas a serra de Leomil, perto de Moimenta da Beira, e a serra da Lapa, na zona de Sernancelhe. Ambas as serras se encontram mal exploradas do ponto de vista ornitológico, sendo de crer que aqui ocorram também as espécies características da região montemurana.

Os pinhais

Os pinheiros-bravos cobrem uma parte substancial do distrito, geralmente sob a forma de plantações. Estas atingem maior expressão nos concelhos de São Pedro do Sul, Viseu, Mangualde, Sátão e Vila Nova de Paiva, mas podem ser encontrados bosquetes de dimensão variável um pouco por todo o distrito, muitas vezes misturados com eucaliptos ou alternando com matagais. Este não é um habitat especialmente interessante para a avifauna, no entanto algumas espécies são bastante comuns e são mais fáceis de observar neste biótopo. Destacam-se o chapim-carvoeiro, o chapim-de-poupa, o pica-pau-verde, o pica-pau-malhado-grande e a estrelinha-real.

As barragens

O distrito de Viseu é parco em zonas húmidas e as que existem não são especialmente interessantes, pelo facto de serem muito "cavadas" (isto é, com margens íngremes e águas profundas), o que as torna pouco propícias à ocorrência de aves aquáticas. Ainda assim, nestas barragens é possível encontrar algumas espécies de aves que estão ausentes do resto da região.

No extremo sudoeste do distrito, a sul de Mortágua e Santa Comba Dão, a barragem da Aguieira é a maior mancha de água de todo o distrito. Muito profunda e rodeada de eucaliptos, esta albufeira é bastante pobre em aves. Durante a época reprodutora, destaca-se o ubíquo milhafre-preto, que frequentemente patrulha as águas da albufeira em busca de alimento, sendo quase impossível não dar por ele quando se circula no IP3. Perto de Mangualde, a pequena barragem de Fagilde tem sido pouco explorada por observadores de aves, sabendo-se que já aqui foram observados mergulhões-pequenos e mergulhões-de-crista.

A mais interessante mancha de água do distrito parece ser a albufeira de Vilar, situada sobre o rio Távora, entre Moimenta da Beira e Sernancelhe. Com as suas margens arenosas e espraiadas, é um local onde habitualmente se observam alguns patos, bem como corvos-marinhos, mergulhõesde-crista e garças-reais. O guarda-rios também é regular nesta zona e por vezes têm sido observadas algumas limícolas, como o abibe, o perna-verde ou o maçarico-bique-bique.



Fonte: Diário da República Electrónico Sumários (http://dre.pt/)

ÁGUA

DR 48 SÉRIE I de 2009-03-10

Decreto Legislativo Regional n.º 4/2009/M - RAM - AL

Cria o Sistema de Gestão do Regadio da Região Autónoma da Madeira

DR 50 SÉRIE I de 2009-03-12

Decreto Legislativo Regional n.º 7/2009/M - RAM - AL

Cria o sistema multimunicipal de distribuição de água e de saneamento básico da Região Autónoma da Madeira e o sistema multimunicipal de recolha de resíduos da Região Autónoma da Madeira

DR 51 SÉRIE I de 2009-03-13

Decreto Legislativo Regional n.º 9/2009/M - RAM - AL

Cria o sistema de gestão de águas residuais urbanas da Região Autónoma da Madeira.

CONSERVAÇÃO DA NATUREZA/ FLORESTA/CAÇA/PESCA

•DR 48 SÉRIE I, 1° SUPLEMENTO de 2009-03-10

Portaria n.º 254-A/2009 - MAOTDR; MA-DRP

Admite candidaturas às acções da medida Agricultura e Desenvolvimento Rural dos Programas Operacionais de Âmbito Regional (AGRIS) e revoga a Portaria n.º 1390/2006, de 12 de Dezembro

DR 49 SÉRIE I de 2009-03-11

Portaria n.º 260/2009 - MADRP

Aprova o Regulamento de Aplicação da Acção n.º 1.4.1, designada «Apoio aos Regimes de Qualidade», da medida n.º 1.4, «Valorização da produção de qualidade», do subprograma n.º 1, «Promoção da competitividade», do Programa de Desenvolvimento Rural do Continente, designado por PRODER

DR 50 SÉRIE I de 2009-03-12

Portaria n.º 261/2009 - MAOTDR

Define os critérios e procedimentos para o reconhecimento, pelo Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, I. P. (ICNB, I. P.), de empreendimentos de turismo de natureza

DR 59 SÉRIE I de 2009-03-25

Portaria n.º 308/2009 - MADRP

Limita a pesca na albufeira do Alto Rabagão ou Pisões, no ano de 2009, à pesca apeada a partir da margem, estabelecendo medidas de protecção de captura de truta arco-íris

DR 60 SÉRIE I, 1º SUPLEMENTO de 2009-03-26

Portaria n.º 308-A/2009 - MADRP

Define o calendário venatório para 2009-2010

ENERGIA/ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS/ POLUIÇÃO DO AR/MOBILIDADE

DR 40 SÉRIE I de 2009-02-26

Decreto-Lei n.º 49/2009 - MEI

Estabelece mecanismos de promoção de biocombustíveis nos transportes rodoviários

• DR 42 SÉRIE I de 2009-03-02

Resolução da Assembleia da República n.º 10/2009 - AR

Promoção do aproveitamento energético da biomassa agrícola

Resolução da Assembleia da República n.º 11/2009 - AR

Promoção da eficiência energética e da arquitectura bioclimática nos edifícios Resolução da Assembleia da República n.º

12/2009 - AR

Promoção dos aproveitamentos hidroeléctricos

• DR 59 SÉRIE I de 2009-03-25

Lei n.º 11/2009 - AR

Estabelece o regime contra-ordenacional do

Regulamento de Segurança de Barragens, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 344/2007, de 15 de Outubro

DR 66 SÉRIE I, 2° SUPLEMENTO de 2009-04-03

Portaria n.º 353-E/2009 - MEI

Estabelece os limites máximos de preço e de volume de venda de biocombustíveis, a partir dos quais se constituem excepções à obrigatoriedade de incorporação e de venda às entidades que introduzam gasóleo rodoviário no consumo

ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

DR 38 SÉRIE I de 2009-02-24

Resolução do Conselho de Ministros n.º 21/2009 - PCM

Prorroga, pelo prazo de um ano, as medidas preventivas com vista a salvaguardar a execução da intervenção do Programa Polis, relativas à zona de intervenção de Viseu

DR 42 SÉRIE I de 2009-03-02

Decreto n.º 9/2009 - MAOTDR

Declara área crítica de recuperação e reconversão urbanística a Baixa-Chiado, em Lisboa

Portaria n.º 231/2009 - MAOTDR

Aprova a alteração da delimitação da Reserva Ecológica Nacional do município de Sines Portaria n.º 232/2009 - MAOTDR

Aprova a alteração à delimitação da Reserva Ecológica Nacional do município de Miranda do Corvo

Portaria n.º 233/2009 - MAOTDR

Aprova a alteração da delimitação da Reserva Ecológica Nacional do município de Cascais

DR 47 SÉRIE I de 2009-03-09

Portaria n.º 247/2009 - MAOTDR

Aprova a alteração à delimitação da Reserva Ecológica Nacional do município de Vagos

DR 63 SÉRIE I de 2009-03-31

Decreto-Lei n.º 73/2009 - MADRP

Aprova o regime jurídico da Reserva Agrícola Nacional e revoga o Decreto-Lei n.º 196/89, de 14 de Junho

Decreto-Lei n.º 75/2009 - MOPTC

Estabelece a desafectação do domínio público marítimo dos bens identificados pela APL - Administração do Porto de Lisboa, S. A., sem utilização portuária reconhecida na frente ribeirinha de Lisboa e a sua integração no domínio público geral do Estado

DR 72 SÉRIE I de 2009-04-14

Portaria n.º 401/2009 - MAOTDR

Aprova a alteração à delimitação da Reserva Ecológica Nacional do município de Aveiro

OUTROS

DR 64 SÉRIE I de 2009-04-01

Resolução da Assembleia da República n.º 24/2009 - AR

Recomenda ao Governo a distribuição gratuita de frutas e legumes nas escolas e outras medidas dirigidas à prevenção e combate à obesidade infantil.

Legenda

AR - Assembleia da República

MADRP - Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas

MAI - Ministério da Administração Interna

MAOTDR - Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional

MDN - Ministério da Defesa Nacional

MCTES - Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

MEI - Ministério da Economia e da Inovação

MFAP - Ministério das Finanças e Administração Pública

MNE - Ministério dos Negócios Estrangeiros

MOPTC - Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

MS - Ministério da Saúde

MTSS - Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social

PCM - Presidência do Conselho de Ministros

PR - Presidência da República

RAA - AL - Região Autónoma dos Açores - Assembleia Legislativa

RAA - PG - Região Autónoma dos Açores - Presidência do Governo

RAA - SGAM - Região Autónoma dos Açores - Secretaria Geral do Ambiente e do Mar

RAM - AL - Região Autónoma da Madeira - Assembleia Legislativa



Leitura ecológica

"Guia Prático para a Identificação de Plantas Invasoras de Portugal Continental

Este livro, da autoria de Elizabete Marchante (CEF, FCTUC), Helena Freitas (CEF, FCTUC) e Hélia Marchante (CERNAS, ESAC), visa divulgar o tema das inva-



sões biológicas, identificando as principais plantas invasoras de Portugal Continental. Profusamente ilustrado, este guia inclui uma introdução ao tema das invasões biológicas, informação diversa sobre cada uma das espécies e um glossário ilustrado.

Esta é uma publicação da Imprensa da Universidade e do Centro de Ecologia Funcional da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Mais informações:

Centro de Ecologia Funcional Departamento de Botânica Universidade de Coimbra Calçada Martim de Freitas 3000-456 Coimbra jbuc@ml.ci.uc.pt http://www.uc.pt/

internet Links



Biosfera

Semanalmente é emitido o programa Biosfera (na RTP), onde lhe é mostrado os passos a dar para manter a biodiversidade, como ter atitudes mais ecológicas, como gerir melhor o consumo energético ou quais as tendências futuras para o ambiente.

Procure a sintonia mais verde da televisão portuguesa. http://www.faroldeideias.com/index.php?biosfera



Associação dos Amigos do Parque Ecológico do Funchal

Associação madeirense reconhecida como Organização Não Governamental para o Ambiente de

âmbito local, cujos objectivos é a preservação do Ambiente. http://bisbis.blogspot.com



O GAIA

O GAIA (Grupo de Acção e Intervenção Ambiental) é uma associação ecologista, inovadora, plural, apartidária e não hierárquica. Foi fundada em 1996

em Lisboa e actua a nível nacional e regional com núcleos no Porto e no Alentejo, para além do de Lisboa. Colabora com outras associações portuguesas e faz parte de várias redes europeias. O GAIA é uma ONGA (organização não-governamental do ambiente) com uma forte componente activista, recorrendo a acções directas, criativas e não-violentas, promovendo o trabalho a partir das bases. Aborda a problemática ecológica através de uma crítica ao modelo social e económico que explora e prejudica o planeta, a sociedade e as gerações futuras. Paralelamente, procura construir alternativas positivas para um mundo ecologicamente sustentável e socialmente justo.

http://gaia.org.pt

Conselho ambiental

Pesca sustentável



Há décadas que se debate a necessidade de aplicar práticas e métodos de pesca que assegurem a sustentabilidade desta actividade económica.

Muito embora grande parte das medidas proposta para garantir o equilíbrio ambiental dos recursos marinhos tenda a estar para além da acção individual de cada um, há sempre algo que podemos fazer no nosso dia-a-dia.

Um dos principais cuidados a ter prende-se com o respeito pelos tamanhos mínimos de captura. É muito importante que enquanto consumidores exerçamos a nossa capacidade de fiscalizar e de fazer pressão no mercado, através do nosso poder enquanto consumidor, de forma a que este respeito passe a estar sempre presente.

Para que possamos guiar as nossas escolhas é fundamental conhecer os tamanhos mínimos das espécies que mais apreciamos. De seguida são apresentados os tamanhos mínimos de algumas espécies de grande consumo em Portugal. Contudo, se tem dúvidas sobre alguma outra espécie pode facilmente esclarecê-las através de uma consulta à página da Direcção Geral



de Pescas e Aquicultura (www.igp.pt). Nesta página, na área dedicada aos tamanhos mínimos, é possível pesquisar um conjunto muito alargado de espécies, podendo também ter acesso a uma listagem geral com indicações não apenas dos tamanhos, mas também da forma correcta de os avaliar, uma vez que a medição das diferentes espécies obedece a critérios diferenciados.

Para que mais facilmente possa avaliar se está a respeitar o tamanho mínimo de uma dada espécie no momento da compra pode experimentar medir, por exemplo, a sua mão, a sua carteira, ou algum outro objecto que habitualmente tenha consigo quando vai às compras. Assim, poderá usá-lo posteriormente como referência.

Tamanhos mínimos

Bacalhau – 35 cm

Besugo - 18 cm

Carapau - 15

Faneca – 17 cm

Linguado – 24 cm Pescada branca – 27 cm

Robalo – 36 cm

Sardinha – 11 cm

Sargo - 15 cm

Choco – 10 cm

Amêijoa-branca, Berbigão e cadelinhas - 2,5 cm

Lula – 10 cm

Polvo - 750 g

É ainda importante sublinhar que, não obstante a existência de tamanhos mínimos, quanto mais nos afastarmos deles preferindo tamanhos maiores, maior será o nosso contributo para a sustentabilidade das pescas e para a promoção da biodiversidade nos mares, oceanos e rios. ** Susana Fonseca

Um conto para a idade dos porquês...

Lagutro – A Aldeia Ameaçada (II)

escrito por Alexandrina Pipa

ilustração de Gabriel Lagarto

Olá amigos! Lembram-se de mim?

Eu sou o Texugo Afonso e, como prometido, cá estou mais uma vez para vos contar como está a aldeia de Lagutro.

Da última vez que vos contei o conto da Natureza a Aldeia de Lagutro estava em perigo, o sobreiro Joaquim temia ser cortado, os habitantes do Vale da Ribeira temiam pelas suas vidas e pelas suas casas. Tudo isto porque os homens queriam arrasar o Vale da Ribeira para lá poderem construir um grande empreendimento turístico e, para isso, contavam com a ajuda do Senhor Pin.

Infelizmente as noticias que tenho para vocês não são as melhores.

Lembram-se do final da história que vos contei? Lembram-se do mocho Dimas e do sobreiro Joaquim?

Na história anterior tínhamos chegado à conclusão que a única saída para evitar a destruição de Lagutro era convocar todos os seres vivos que ali habitavam para um conselho da floresta. Assim foi. Todos os habitantes de Lagutro foram convocados para estarem presentes.

À hora marcada ninguém faltou. Até o menino Guilherme, que era o representante dos homens, marcou a sua presença debaixo dos velhos ramos do sobreiro Joaquim.

Naquela que foi uma noite intensa, todos falaram da forma como a Natureza era esquecida e maltratada pelo homem. O mocho Dimas, esse estava muito revoltado e agitado, e nessa noite usou da palavra várias vezes, todas elas para apontar o dedo ao homem:

- Eu gostava de saber como é que o homem conseguia viver sem floresta e sem outros seres vivos!? - enquanto falava, abria e fechava as asas vezes sem conta e continuou apontando a asa para o menino Guilherme: - Com a cegueira da ambição, vocês esquecem-se que não são os únicos habitantes deste planeta, não se lembram que precisamos todos uns dos outros para que a vida continue. Se não existissem mochos nem corujas nesta terra provavelmente existiriam tantos ratos que vocês homens não ficariam com um único grão que pudessem semear. Sou eu e as primas corujas que todas as noites comemos os ratos que tanto vos assustam e incomodam.

 Hei! Eu também como ratos! – gritou a cobra-rateira que também estava presente e quis mostrar que na Natureza também ela é muito importante.

-E eu? Não sou eu que como os mosquitos que tanto incomodam o homem? - Perguntou a aranha.

-CalmaLá! Eutambém como mosquitos! - apressou-se a osga a esclarecer.

-Então e eu? Sou eu que polinizo as flores das culturas dos homens para que possam produzir bons frutos e boas sementes – prontificou-se a abelha a informar.

Todos falavam ao mesmo tempo, todos achavam que eram muito importantes para o homem e queriam ali deixar bem claro o quanto eram úteis para a qualidade de vida na aldeia de Lagutro.

-Bem, - interrompeu o sobreiro Joaquim - todos nós já percebemos que cada um tem um papel importante na Natureza, agora o que ainda não percebemos é como é que vamos fazer para convencer o homem e o Senhor Pin a não destruir esta floresta e a não construírem em cima das nossas casas.

-Não é tempo de discórdia e de discussão, é tempo de unirmos esforços e agirmos em conjunto por uma causa maior que é o futuro de todos nós - repreendeu-os o sobreiro.

Depois de muito conversarem e discutirem, todos chegaram a acordo: era preciso convencero homem da importância daqueles vizinhos tantas vezes esquecidos, era preciso dizer-lhe que sem floresta e sem animais selvagens a aldeia de Lagutro iria ficar muito mais pobre.

O menino Guilherme concordou com quase tudo o que ali tinha sido dito, concordou que o ser humano muitas vezes se esquecia da importância dos outros seres vivos, isto porque – explicou ele – o homem preocupase tanto com ele próprio que muitas vezes

esquece-seque o bem dos



outros animais também é o bem dele.

Deste Conselho da Floresta ficaram três coisas combinadas.

As primeiras duas acções foram sugeridas pelo menino Guilherme. Tratava-se de falar com as pessoas que vivem em Lagutro e esclarecê-las sobre a importância de todos os seres vivos. Se o menino Guilherme conseguisse convencer os moradores a não arrasarem o Vale da Ribeira, passaria a reunir as assinaturas daqueles que não concordassem com o empreendimento turístico e assim criariam um movimento contra a destruição de Lagutro que iria convencer muito mais gente de que o dinheiro do Senhor Pin só poderia trazer tristeza e destruição para Lagutro. Assim, poderiam dizer aos políticos e aos poderosos que o projecto deles não era bem-vindo para Lagutro.

Por outro lado, não certos da sua capacidade de convencer os homens poderosos, aqueles que realmente podiam decidir sobre o futuro de Lagutro, os animais que habitavam no Vale da Ribeira também assumiram uma tarefa muito importante: combinaram que logo no dia seguinte poriam mãos à obra. O seu trabalho era colher todas as sementes, bagas e bolotas que conseguissem encontrar no vale da Ribeira e levá-las para longe dos homens, das casas de betão e da barragem e, aí num sítio sossegado e distante, cada animal iria enterrar as sementes do Vale da Ribeira. Assim, se o Senhor Pin decidisse continuar com a ideia arrogante e egoísta de destruir o vale da ribeira que é de todos os seres vivos, já estaria a crescer algures uma nova floresta com árvores e arbustos filhos das espécies do Vale da Ribeira.

Ainda assim, se viesse a acontecer a destruição do Vale da Ribeira, isso seria muito mau, porque naquele vale viviam espécies de plantas que tinham mais de um século. Nenhum dos seres vivos presentes naquele Conselho da Floresta poderia ver a nova floresta plantada, tão grande e tão bonita como a que existia no vale da ribeira, isto porque a floresta cresce muito devagar e, em comparação, os animais vivem muito pouco tempo. Mesmo sabendo disso, os habitantes do Vale da Ribeira preocuparam-se com o futuro da sua espécie, pois sabiam que embora não vivessem tempo suficiente para desfrutar daquela floresta, os seus filhos e os seus netos teriam ali uma casa maravilhosa e saudável onde viver.

Até o Homem por vezes se esquece de cuidar do sítio onde os seus descendentes vão viver. Neste caso os animais do vale da ribeira deram uma lição de vida aos Homens.

O resto já adivinharam. Como vos disse, não tenho boas notícias sobre Lagutro.

Este ano quando a primavera chegou Lagutro não floriu, e nem as muitas assinaturas que o menino Guilherme conseguiu

reunir,nem a força dos habitantes de Lagutro, conseguiram convencer o Sr. Pin da importância da floresta do Vale da Ribeira. O papel colorido do Sr. Pin falou mais alto e, em Abril, o vale da Ribeira foi arrasado, o Sobreiro Joaquim foi cortado para lenha e a construção do empreendimento turístico

Este ano, a Primavera não passou por Lagutro, porque não havia plantas para florirem, nem aves para chilrear alegremente, nem árvores a deitarem a sua nova folhagem jovem e vigorosa, como acontece em todas as Primavaras.

Lagutro é agora uma aldeia mais cinzenta, mais triste e mais pobre, entregue à arrogância daqueles poucos que por terem poder estão convencidos que podem decidir quando e para quem é que a Primavera chega.

Nem a lei da Natureza é tão cruel como a lei dos Homens, isto porque na Natureza vence o mais forte usando sempre as armas naturais. Já com a lei dos Homens, não percebo muito bem como é que eles fazem, mas de natural não me parece que exista nada.

Com tudo o que se tem passado em Lagutro, os habitantes do Vale da Ribeira que conseguiram sobreviver, refugiaram-se numa floresta distante junto à nova plantação de descendentes da floresta onde viviam anteriormente.

Revoltado com todos os acontecimentos, o mocho Dimas enlouqueceu e hoje passa o seu tempo a vigiar os Homens convencido que eles preparam um atentado contra todas as espécies do Planeta.

Caros leitores, porque esta história tem um final pouco feliz, não serve de desculpa dizer que não adianta fazer nada. Estou convencido que o que é preciso é fazer muito mais, com mais força, mais garra e mais convicção. É muito importante que a história de Lagutro não se repita, porque se isso continuar a acontecer vou ter que pensar seriamente se afinal o mocho Dimas não terá razão e os loucos são todos os estão convencidos que só há boas intenções.

Bom Ambiente para todos!



LISTAS DE DISCUSSÃO TEMÁTICAS PARA SÓCIOS - INSCREVA-SE

No sentido de possibilitar a troca de informações e pontos de vista sobre diversas áreas e tendo em consideração que nem todos os sócios têm o mesmo tipo de interesses nem a mesma disponibilidade para receber emails, foi recentemente criado um conjunto de listas de discussão temáticas. Presentemente existem apenas três, mas outras poderão ser criadas, sendo que nessa altura serão comunicadas as instruções para quem se quiser inscrever.

Cada lista temática tem um moderador, devendo o pedido de inscrição ou qualquer outro pedido de natureza semelhante ser dirigido para o seu correio electrónico de contacto. Cada sócio poderá inscrever-se apenas numa ou em todas as listas temáticas indicando o seu nome completo e número de sócio a cada um dos moderadores.

LISTAS DISPONÍVEIS

listaquercusinterna@quercusancn.pt

Moderador: Francisco Ferreira – franciscoferreira@quercus.pt

listaenergiaclima@quercusancn.pt

Moderador: Francisco Ferreira – franciscoferreira@quercus.pt

listaquimicos@quercusancn.pt

Moderador: Susana Fonseca – susanafonseca@quercus.pt

Pagamento de Quotas

A Direcção Nacional apela a todos os associados para regularizarem o pagamento de quotas em atraso. O pagamento pode ser efectuado em cheque ou vale postal ou ainda por transferência bancária (neste caso contacte primeiro a Gestão de Sócios para mais informações). Mais se informa que em 2009 as quotas manterão o mesmo valor de 2008.

Para qualquer esclarecimento contactar Gestão de Sócios através

e-mail: gestaosocios@quercus.pt

Mais Notícias com a nova "newsletter" da Quercus-ANCN

Com o objectivo de proporcionar mais informação aos associados e simpatizantes da Quercus tem sido editado já há algum tempo o "Boletim Quercus". Esta edição semanal está associada ao site da Quercus e é simples de subscrever, basta registar o endereço de e-mail em www.quercus.pt.



Fotocopie e envie para QUERCUS A.N.C.N. – Apartado 230 • 7801-903 Beja A preencher pela QUERCUS QUERCUS – Associação Nacional de Conservação da Natureza Gestão de Sócios: Apartado 230 • 7801-903 Beja E-mail: quercusbeja@netc.pt • Telf.: 284 321 326 Núcleos: Algarve • Aveiro • Beja e Évora • Braga • Bragança • Castelo Branco Estafusócio · Coimbra e Viseu • Cova da Beira/Covilhã • Funchal/Madeira • Guarda • Núcleo Data Lisboa • Litoral Alentejano • Ribatejo e Estremadura • Portalegre • Porto • Quercus Setúbal • S. Miguel/Açores • Ilha Terceira • Viana do Castelo • Vila Real Boletim de Admissão a Sócio Nome Sexo (F/M) Morada C.P. -Localidade Distrito Concelho País Telefone E-Mail Fax Bl n° Data Nasc. Nacionalidade Profissão Data Assinatura QUOTA mínima anual – Até 16 anos: 8 Euros • Estudantes (até aos 25 anos): 13 Euros • Adultos: 20 Euros • Colectivos: 45 Euros Forma de Pagamento: Numerário, Cheque/Vale Postal nº Banco _ Valor pela QUERCUS Recebido - núcleo / CEA / etc. Receptor da Inscrição

Quercus

Propriedade: Quercus - Associação de Conservação da Natureza Morada: Centro Associativo do Calhau • Bairro do Calhau • 1500-045 Lisboa Telefone: 21-778 84 74 • Fax: 21-778 77 49 E-mail Quercus Ambiente: jomal@quercus.pt Site Quercus: www.quercus.pt Director: Susana Fonseca Direcção Editorial: Idalina Perestrello Marketing: Marcos Bartilotti Grafismo: Liliana Fernandes Colaboraram neste número: Alexandra Azevedo; Alexandrina Pipa; Ana André; Ana Cristina Costa: Ana Rita Antunes: Andreia Gama; Bruno Almeida; Cândida Mendes; Carmen Lima; CIR – Centro de Informação de Resíduos; Criança e Natureza; Direcção Nacional da Quercus; Ecocasa; Eduardo Dias;

Francisco Ferreira; Gonçalo Elias; Helmut

Kerndorff: Idalina Perestrelo: José Paulo

Núcleo Regional de Coimbra da Quercus;

Núcleo Regional de Portalegre da Quercus:

Martins; Núcleo Regional de Braga da Quercus;

Regional de Vila Real da Quercus; Nuno Sequeira; Paulo Lucas; Ricardo Nabais; Sara Campos; Sofia Vilarigues; Susana Fonseca; Vanda Marques; ZooMarine. Fotos capa: Cecília Melo - GEVA (CM -GEVA); Luís Avelar (LA); Yucel Tellici (YT) Fotos: Adenex; Aimagemdapaisagem; Águas Algarve SA; Bruno Almeida; Bruno Lopes; Cândida Mendes; Carlos Cruz; Cecília Melo; Dan Crosbie; Dário Cardador; Eduardo Dias; Filipe Lourenço; Gabriel Lagarto; GEVA; Hélder Spínola; Helmut Kerndorff; Idalina Perestrelo: João Palmela: Luís Avelar: Liliana Fernandes; Maria Elias; Mário Quaresma; Milos Andera; Nuno Sequeira; O./M. árvores e arbustos de Portugal; Paulo Lucas; Paulo V. Aráujo; Pedro Martins; Ricardo Nabais; Vanda Marques; www.bycliclefreedom.com; www.caledonian.ac.uk: www.etab.caen.fr: www.floradecanaria.com; www.horta.uac.pt; wikiemedia; www.segway.de;

Ficha Técnica

Núcleo Regional do Porto da Quercus; Núcleo

O conteúdo dos artigos constantes nesta publicação é da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

www.solartwin.com:

Passeios fotográficos Rotas na Natureza / 2009

Programa



Formador

Pedro Martins - Fotógrafo Freelancer

Telemóvel: +35196 294 34 54 | E-Mail: info@pmartins.net

http://www.pmartins.net

http://www.photosensibilidade.blogspot.com

9 de Maio

09.30h: Ponto de Encontro

10.00h: Apresentações dos participantes e de diaporamas do Passeio Fotográfico

12.30h-14.00h: Almoço Livre 14.00h: Inicio do passeio 19.00h: Fim do 1º dia do passeio

10 de Maio

07.00h: Ponto de Encontro

07.15h: Inicio do 2º dia de passeio 12.30h-14.00h-Almoço pic nic livre

14.30: Análise de imagens dos participantes

(facultativo)

18.45h: Preenchimento dos questionários de

avaliação

19.00: Fim do passeio

Material necessário: saco-cama, roupa e calçado confortável. Material fotográfico aconselhado: Maquina fotográfica (analógica ou digital), tripé, flash, cabo disparador

Ficha de Inscrição

Passeios fotográficos Rotas na Natureza 2009 • 9 e 10 de Maio de 2009 • Monte Barata - Monforte da Beira

Preço: Sócios da Quercus: 60€ | Não sócios: 80€ Inclui*: alojamento, alimentação, seguro, guia/formador, documentação, certificado de participação

Dados pessoais

Nome		
Morada		
Idade		
Sócio da Quercus	□ SIM	
Recibo em nome de: _		
N° contribuinte :		

Modo de pagamento

Cheque: Em nome de Quercus – ANCN enviado juntamente com esta ficha de inscrição para: Quercus – R. Dr. João Frade Correia Lt 7, lj dta, 6000-352 Castelo Branco **Transferência:** NIB 00 350 222 000 460 170 3083

Enviar comprovativo de transferência por correio para a morada acima indicada, ou por correio electrónico para madalena.quercus@gmail.com juntamente com a ficha de

Contactos para inscrições:

Quercus | Madalena Martins

Tel: 966 484 942

e-mail: madalena.quercus@gmail.com

* Há a possibilidade de inscrição como sócio/actualização de quota durante o evento, usufruindo assim de redução de preço.

